



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS



ADRIANA MARTINS DA ROCHA

**PRODUTO: IMPRESSÕES DA ALMA MATERIALIZADAS NO PAPEL - UM GUIA
PARA PROFESSORES EXPLORAREM A LEITURA SUBJETIVA DA OBRA A
FOFA DO TERCEIRO ANDAR (BUSATTO, 2015)**

ADRIANA MARTINS DA ROCHA

**PRODUTO: IMPRESSÕES DA ALMA MATERIALIZADAS NO PAPEL - UM GUIA
PARA PROFESSORES EXPLORAREM A LEITURA SUBJETIVA DA OBRA A
FOFA DO TERCEIRO ANDAR (BUSATTO, 2015)**

Produto apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial ao título de mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margarida da Silveira Corsi

Maringá
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R672i

Rocha, Adriana Martins da

Impressões da alma materializadas no papel : um guia para professores explorarem a leitura subjetiva da obra A fofa do terceiro andar (Busatto, 2015) / Adriana Martins da Rocha. -- Maringá, PR, 2024.
95 f.

Acompanha a dissertação de mestrado: O adolescente-leitor e a expressão da subjetividade na obra A fofa do terceiro andar, de Cléo Busatto . 104 f.

Orientadora: Profa. Dra. Margarida da Silveira Corsi.

Produto educacional (mestrado profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado profissional, 2024.

1. Leitura subjetiva. 2. Bullying. 3. Empatia. 4. Literatura brasileira - Crítica e interpretação. I. Corsi, Margarida da Silveira, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Língua Portuguesa. Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) - Mestrado profissional. III. Título.

CDD 23.ed. 801.95

Resultado da dissertação intitulada O adolescente-leitor e a expressão da subjetividade na obra A fofa do terceiro andar, de Cléo Busatto – uma proposta de leitura, o GOP (Guia de Orientação para Professores) foi nomeado com um dos capítulos da obra cuja leitura, realizada com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, embasou esta proposta.

Trata-se de um guia de orientação para professores de Língua Portuguesa (Redação e Leitura) que lecionam para os anos finais do Ensino Fundamental, utilizando a leitura subjetiva e os diários de leitura como estratégia para uma aprendizagem significativa.

Constam do GOP sugestões de atividades desenvolvidas por meio de oficinas, que podem ser adotadas e adaptadas pelo professor de acordo com a realidade em que trabalha.

O produto educacional é constituído de explicitação da aplicação da proposta, incluindo contextualização teórica, exemplos de organizadores prévios, tais como textos, oficinas, além de modelo de questionário para avaliação do trabalho desenvolvido em sala de aula. Busca-se, com essa proposta, subsidiar o professor de leitura/literatura para uma perspectiva contemporânea que reconhece a leitura do aluno como necessária para o trabalho com a literatura na escola.

Impressões da alma materializadas no papel

Um guia para professores explorarem a leitura
subjetiva da obra *A fofa do terceiro andar*



ADRIANA MARTINS DA ROCHA

ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. MARGARIDA DA SILVEIRA CORSI

2024

Professor(a):

Este produto educacional, no formato de GOP (Guia de Orientações ao/a professor/a), foi elaborado pela professora Adriana Martins da Rocha, sob orientação da Professora Doutora Margarida da Silveira Corsi, e apresentado à banca examinadora como requisito à obtenção do Título de Mestre no Programa de Mestrado Profissional – ProfLetras.

O GOP *“Impressões da alma materializadas no papel”* - Um guia para professores explorarem a leitura subjetiva da obra *A fofa do terceiro andar* (Busatto, 2015) - integra o repertório de Produtos Educacionais da CAPES e foi produzido utilizando-se da plataforma *on-line* de *design* e comunicação visual denominada Canva. Acesse o QR Code para mais informações:



As autoras

Adriana Martins da Rocha

Possuo graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1998), pós-graduação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX/2002) e Mestrado profissional em Letras pela Universidade Estadual de Maringá/ProfLetras (2024).

Sou professora de Língua Portuguesa (Redação e Leitura) pelo estado do Paraná desde 2003, atuando em escola pública com os anos finais do Ensino Fundamental II. Apaixonada por literatura, encontrei na fofa do terceiro andar caminhos para explorar a subjetividade do leitor adolescente em sala de aula.



Margarida da Silveira Corsi

Possuo graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (1996), mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Sou professora ASSOCIADA C e faço parte do quadro permanente da Universidade Estadual de Maringá.

Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e outras linguagens e ensino de Línguas, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura comparada, literatura e outras artes, ensino de literatura, leitura e letramento texto literário, leitura subjetiva, línguas estrangeiras modernas. Atuo na pós-graduação do Profletras, Mestrado Profissional em Letras, ministrando a disciplina Leitura do texto literário.



Cleo Busatto

A escritora de “A fofa do terceiro andar”



FONTE: <https://cleobusatto.com.br/>

Para mais informações sobre a autora, acesse o site pelo QR Code:



Índice

1. Apresentação do produto educacional.....	7
2. Leitura subjetiva.....	8
3. Adolescente como leitor.....	10
4. Os diários de leitura.....	12
5. <i>A fofa do terceiro andar</i>.....	14
6. A escritora	17
6.1. Entrevista com a escritora.....	19
7. As oficinas.....	25
Oficina 1: Motivação para a leitura.....	27
Oficina 2: Outras linguagens artísticas para explorar o título da obra.....	29
Oficina 3: A linguagem audiovisual.....	35
Oficina 4: Os diários de leitura.....	44
Oficina 5: As escolhas lexicais.....	49
Oficina 6: Outros olhares... Outros gêneros.....	56
Oficina 7: As referências da Fofa.....	65
Oficina 8: Para além da Fofa do Terceiro Andar.....	71
Oficina final.....	79
8. Ficha de avaliação.....	84
9. Referências.....	86

Prezado(a) Professor(a):

O Guia de Orientação Pedagógica (GOP), por meio de itens elaborados e comentados, objetiva subsidiar o trabalho pedagógico do(a) professor(a), na perspectiva de melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem dos(as) alunos(as), considerando a leitura subjetiva como alternativa para as aulas de literatura em sala de aula.

O GOP *“Impressões da alma materializadas no papel”* – Um guia para professores explorarem a leitura subjetiva da obra *A fofa do terceiro andar* (Busatto, 2015) – integra o repertório de Produtos Educacionais da CAPES.

Este guia, destinado aos professores e às professoras do 9º Ano do Ensino Fundamental, pretende apoiar o trabalho dos profissionais que orientarão seus/suas alunos(as) nas atividades referentes à leitura da obra-mote *“A fofa do terceiro andar”*, de Cléo Busatto.

Neste documento, os(as) docentes poderão encontrar sugestões metodológicas para trabalhar as atividades de forma mais simples. Além disso, para organizá-las, sugere-se o uso de materiais e recomendações sobre como fazer a substituição deles, permitindo adequar as ações que serão realizadas.

Como complemento, foram acrescentados alguns *links* de internet que contêm informações relacionadas ao assunto abordado e que poderão ser aproveitados para ampliar as atividades ou para relacioná-las com outros assuntos de interesse educacional. Para que a narrativa seja explorada da melhor forma possível, é importante incentivar os estudantes para a leitura da obra, tanto em suas casas (se possível, com a participação das famílias), como em sala de aula, junto de seus/suas colegas. Assim, será possível avançar na história contada, ao mesmo tempo em que outros assuntos relacionados serão expandidos, juntamente a outro(a)s professores de diferentes componentes curriculares.

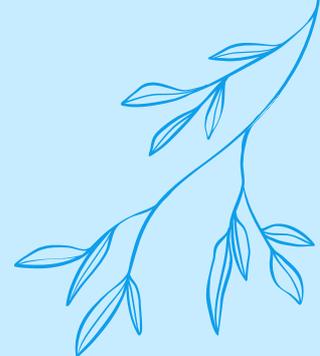
Acreditamos que as atividades propostas neste Guia, aliadas à criatividade do(s) docentes, fortalecerão a prática pedagógica em sala de aula, despertando a subjetividade de seus/suas alunos(as) em suas respectivas escolas.

1. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional *Impressões da alma materializadas no papel* - Um guia para professores explorarem a leitura subjetiva da obra *A fofo do terceiro andar* - foi elaborado como pré-requisito para aprovação no Programa de Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras - pela Universidade Estadual de Maringá - UEM/PR.

Desenvolvido a partir da pesquisa realizada na dissertação intitulada *O adolescente leitor e a expressão da subjetividade na obra A fofo do terceiro andar, de Cléo Busatto* - Uma proposta de leitura, utilizando-se da leitura subjetiva da obra-mote, em turmas do 9º Ano do Ensino Fundamental II, nas quais atuamos em anos anteriores. A partir das oficinas desenvolvidas anteriormente em sala de aula, foi possível responder à questão que norteou a pesquisa: como é possível acessar a subjetividade do(s) leitor(es) adolescentes que estão finalizando o Ensino Fundamental, proporcionando o reconhecimento de si e do outro nos textos lidos, por meio de identificação, singularidade e empatia?

2. A LEITURA SUBJETIVA



As questões ligadas ao ensino da literatura/leitura literária vêm ganhando espaço nas discussões para além das universidades. Uma das expoentes nas pesquisas realizadas acerca desse assunto é Annie Rouxel (2013), que apresenta alguns avanços da pesquisa em literatura, propondo mudanças expressivas no paradigma desta área – antes trabalhada com finalidade meramente estética – para uma concepção de literatura como comunicação, uma vez que os processos de produção e recepção das obras (escritor(a), edição, crítica, leitor(es), escola) são considerados durante o ato da leitura; na leitura literária, a partir do momento em que reconhece a existência de leitor(es) reais; na cultura literária, da concepção de uma cultura literária viva, criada como um saber para pensar, agir e se construir. Essas novas concepções deverão modificar as práticas do ensino de literatura.

Uma dessas práticas está centrada na subjetividade do(a) leitor(a), caracterizada pelo estudo do(a) leitor(a) real, aquele(a) que abre um livro para ler e, de certa forma, apropria-se da obra lida. A escola deveria reunir as condições favoráveis para a construção desses leitores reais, lugar em que o(a) professor(a) deixa de ser a autoridade que detém o saber a ser transmitido e passa a ser um(a) mediador(a) na construção dos sentidos de uma obra literária.



Entretanto, é necessário afirmar que a leitura não consiste em designar experiências livres, em que os textos servem para expressar qualquer dimensão subjetiva dos leitores. Existe uma relação entre os direitos dos leitores e os direitos do texto que deve ser levada em consideração. Ao tomar posse do texto lido, o sujeito-leitor(a) se torna efetivamente, também, um(a) autor(a), isto é, quando ele(a) dá sentido ao que é lido, rememora o texto por meio da leitura e da fala.

Rouxel (2018, p. 20) define a leitura subjetiva como: “[...] uma prática de leitura literária que confirma a mudança de paradigma do Leitor Modelo teorizado por Eco (1985) pelo leitor real. O primeiro tenta responder às injunções do texto atualizando-o segundo ao que ele postula: [...] O segundo vive na leitura uma experiência que afeta, quer se trate de adesão ou de hostilidade...”.

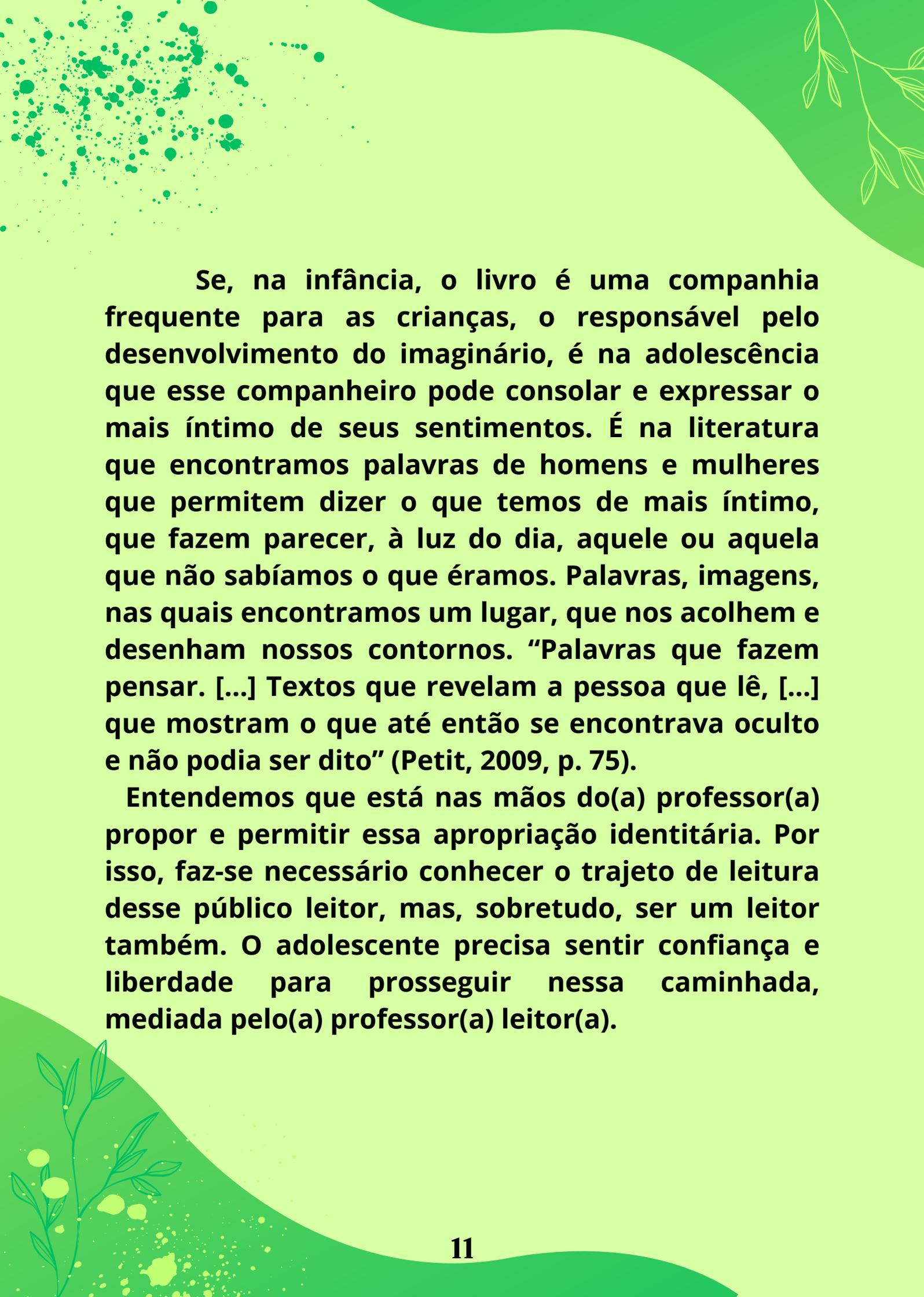
Abordar a leitura de maneira subjetiva requer, então, uma transformação das práticas pedagógicas e acarreta, para o(a) professor(a), domínio dos gestos profissionais e, para os leitores em formação, a aprendizagem de posturas que levam à reflexão. O fator determinante na aplicabilidade dessa leitura será a escolha das obras a serem lidas.

3. O ADOLESCENTE COMO SUJEITO LEITOR

Definir o(a) adolescente leitor(a) também não nos parece uma tarefa fácil. Quando se trata de juventude e literatura, Petit (2009) faz referência a esse ser que se encontra em uma das idades mais desconfortáveis e, ao mesmo tempo, das mais exaltadas, por causa dos radicalismos das pulsões, época em que o corpo se transforma. Então, por que não aproveitar a literatura para aproximar o(a) adolescente (esse ser em transformação contínua) da literatura e permitir a elaboração de uma identidade própria, singular?

A autora defende que ler é uma oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, uma espécie de atalho que leva à elaboração de uma identidade singular, em movimento, evitando que se precipitem nos modelos preestabelecidos de identidade que asseguram seu pertencimento integral a um grupo (Petit, 2009).

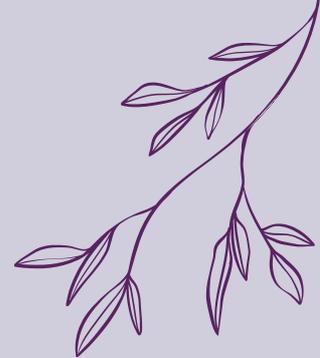
Por outro lado, registra a imprevisibilidade característica do(a) adolescente na recepção do texto. Para ela, os jovens deslizam sua fantasia entre linhas, “[chegam a] deturpar seu sentido. [...] mas que de todo modo deslocam o seu ponto de vista a partir do qual se pensam ou pensam sua relação com o mundo” (Petit, 2009, p. 57). Esses leitores adolescentes apresentam uma necessidade de serem ouvidos e reconhecidos.



Se, na infância, o livro é uma companhia frequente para as crianças, o responsável pelo desenvolvimento do imaginário, é na adolescência que esse companheiro pode consolar e expressar o mais íntimo de seus sentimentos. É na literatura que encontramos palavras de homens e mulheres que permitem dizer o que temos de mais íntimo, que fazem parecer, à luz do dia, aquele ou aquela que não sabíamos o que éramos. Palavras, imagens, nas quais encontramos um lugar, que nos acolhem e desenham nossos contornos. “Palavras que fazem pensar. [...] Textos que revelam a pessoa que lê, [...] que mostram o que até então se encontrava oculto e não podia ser dito” (Petit, 2009, p. 75).

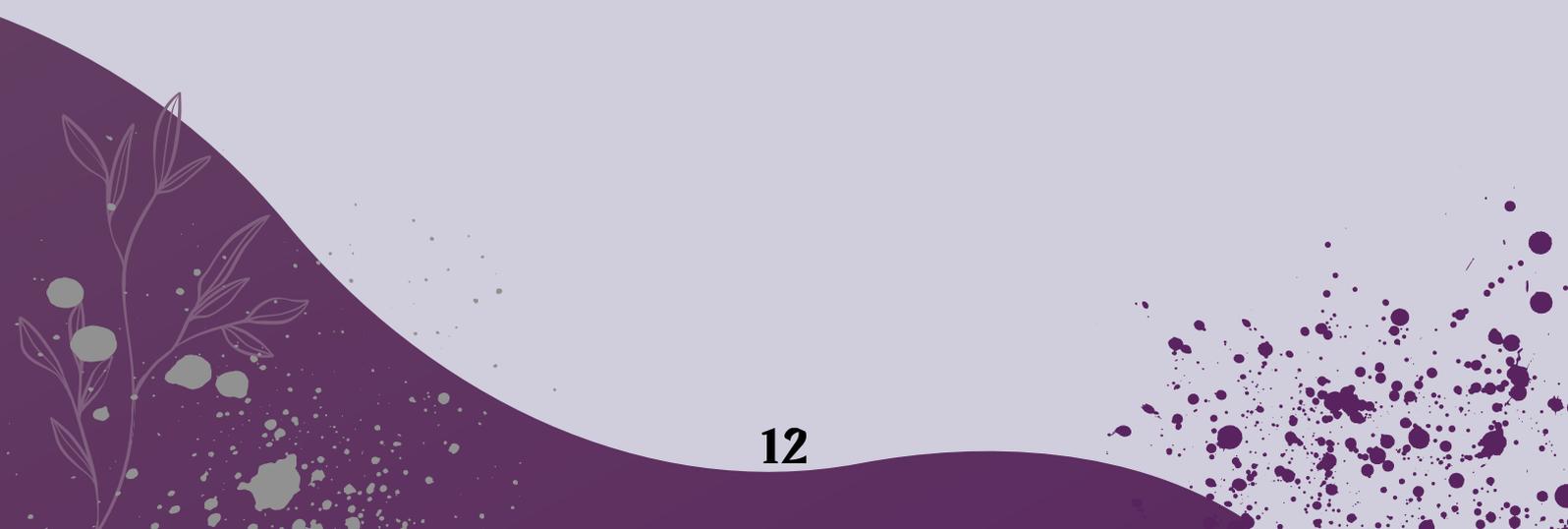
Entendemos que está nas mãos do(a) professor(a) propor e permitir essa apropriação identitária. Por isso, faz-se necessário conhecer o trajeto de leitura desse público leitor, mas, sobretudo, ser um leitor também. O adolescente precisa sentir confiança e liberdade para prosseguir nessa caminhada, mediada pelo(a) professor(a) leitor(a).

4. OS DIÁRIOS DE LEITURA



Para desenvolver a proposta de leitura literária subjetiva baseada na identificação de jovens leitores com personagens da narrativa, acreditamos na importância do uso dos diários de leitura propostos por Rouxel, que visam a fortalecer comportamentos de leitura e interpretação, assim como possibilitar a escrita autoral e o relacionamento dos estudantes com o que leem.

Trata-se de uma construção individual que se configura como uma forma de o(a) estudante se relacionar com as leituras e refletir sobre suas interpretações, pois permite aprendizagens e “a observação (por meio diários de leitura) dos processos de singularização do texto, as tentativas de descrição de forma (instável, provisória) que o texto toma na consciência de quem o recebe” (Rouxel, 2012, p. 16).



Assim, entendemos que o diário de leitura pode ser um instrumento bastante interessante para “[...] desenvolver a competência estética do(a) leitor(a), ou seja, sua aptidão para reagir ao texto, para estar atento às repercussões que a obra suscita nele mesmo e a exprimi-los” (Rouxel, 2014, p. 25, acréscimos nossos).

O(A) leitor(a)-adolescente vai registrar, nesses diários, suas subjetividades ao observar que estabeleceram um diálogo entre as obras e as experiências provenientes de suas leituras. Indo além, o compartilhamento desses diários poderá enriquecer o aprendizado e facilitar a troca entre os estudantes.

De acordo com os estudos de Rouxel (2014), os diários de leitura abrem espaço para que o estudante se identifique como protagonista na leitura que está realizando, além de favorecer a construção de uma relação com a obra literária, que pode ser compartilhada com o(a) professor(a) e os colegas (se houver consentimento). É, portanto, uma ferramenta útil para um trabalho que preza pela manifestação da subjetividade em sala de aula.

5. A FOFA DO TERCEIRO ANDAR



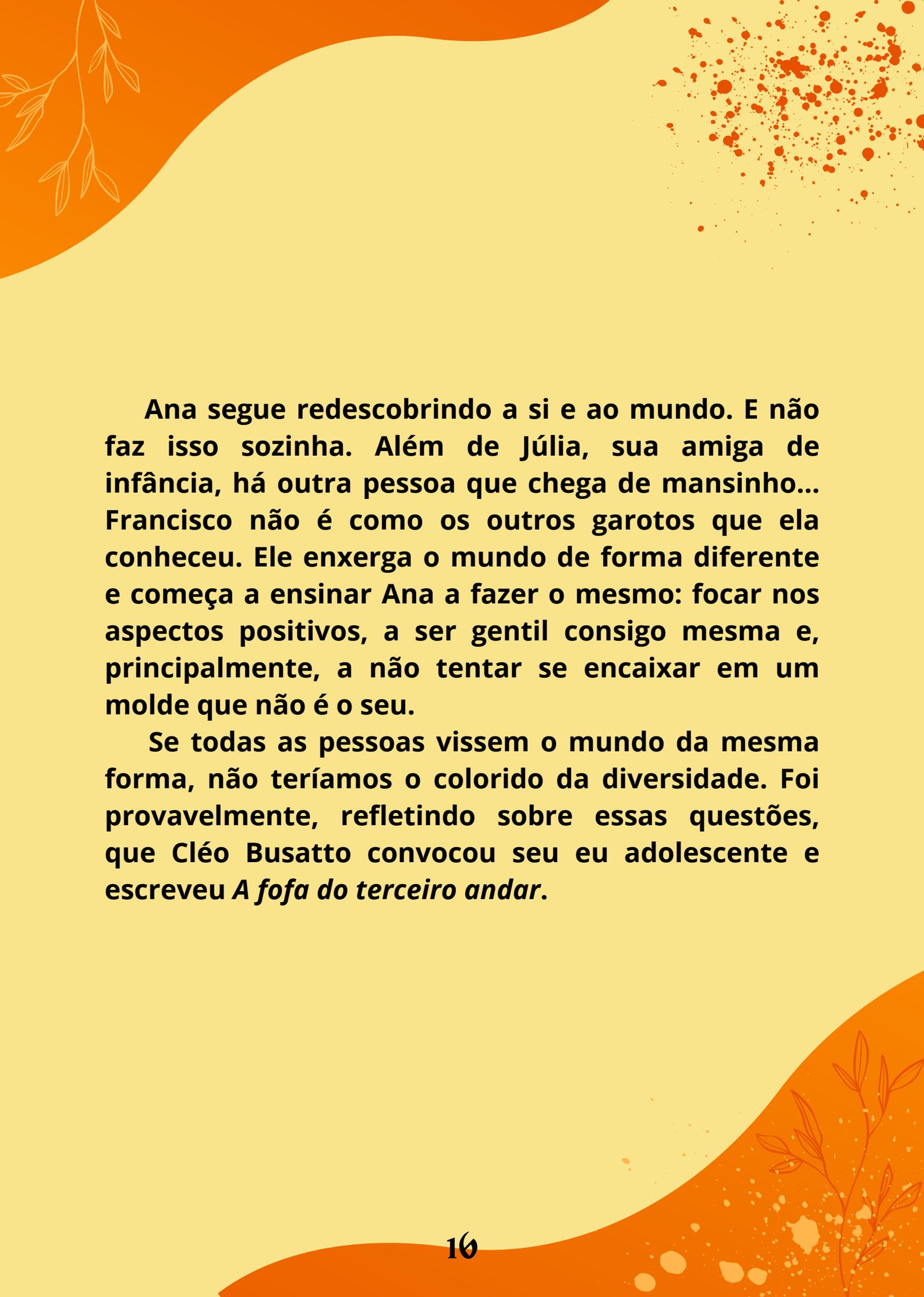
Professor(a), faça a leitura do QR Code para ter acesso às informações sobre a obra no *site* oficial da escritora.



A obra que nos propomos a trabalhar neste produto educacional é um livro que traz o tema do *bullying* por intermédio da história da narradora Ana, que sempre foi uma criança alegre, saudável e... fofa. Ela nunca se incomodou em receber adjetivos, até perceber que nem sempre serviam para designar alguém.

Conforme cresce, por mais que tente manter o sorriso estampado no rosto, os apelidos e implicâncias começam a interferir em sua rotina diária. Para diminuir o sofrimento decorrente das adjectivações negativas, Ana resolve exteriorizar seus sentimentos em um caderno, na forma de um diário. Preocupações, tristezas, angústias, frustrações, tudo vira palavra. Percebe, a partir da escrita, que precisa conseguir aplicar suas reflexões na realidade, algo não tão fácil quanto parece.

Inicialmente, precisa descobrir o que realmente a incomoda e, então, revisitar a Ana confiante que se escondeu dentro dela. Esse é um processo difícil, pois a adolescência tem um tempo próprio e muito particular. São novas sensações, um novo corpo.



Ana segue redescobrendo a si e ao mundo. E não faz isso sozinha. Além de Júlia, sua amiga de infância, há outra pessoa que chega de mansinho... Francisco não é como os outros garotos que ela conheceu. Ele enxerga o mundo de forma diferente e começa a ensinar Ana a fazer o mesmo: focar nos aspectos positivos, a ser gentil consigo mesma e, principalmente, a não tentar se encaixar em um molde que não é o seu.

Se todas as pessoas vissem o mundo da mesma forma, não teríamos o colorido da diversidade. Foi provavelmente, refletindo sobre essas questões, que Cléo Busatto convocou seu eu adolescente e escreveu *A fofa do terceiro andar*.

6. A ESCRITORA

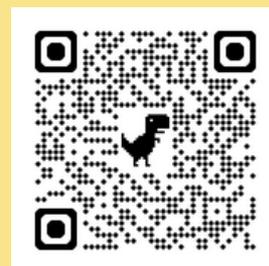


Cléo Busatto é uma artista da palavra. Autora de mais de 40 obras entre ficção, não ficção, infantojuvenil e mídias digitais, que venderam em torno de 415 mil exemplares.

Seus livros foram agraciados com prêmios qualificados por instituições especializadas e dedicados à literatura infantil e juvenil, como *Pedro e o Cruzeiro do Sul*, finalista do 1º Prêmio Barco a Vapor, em 2005, e *A fofa do terceiro andar*, finalista do Prêmio Jabuti, na categoria juvenil em 2016, também selecionados para catálogos de feiras internacionais, como o da Feira do Livro Infantil de Bolonha, Itália e Frankfurt, em 2015.

As obras também foram escolhidas para programas de leitura governamentais (PNLD Literário 2020).

Fonte: <https://cleobusatto.com.br/#sobre>



Como reconhecimento oficial de sua atuação, Cléo Busatto recebeu honrarias de diferentes instituições estatais, a saber:

- **2012 – Distinção Honorária Literária, Medalha do Mérito Fernando Amaro – conferida pela Câmara Municipal de Curitiba.**
- **2017 – Grau de Comendador da Ordem Estadual do Pinheiro – conferido pelo Governo do Estado do Paraná.**
- **2017 – Prêmio Joia da Matriz – conferido pela Prefeitura Municipal de Curitiba.**
- **2018 – Prêmio Cléo Busatto, Contação de histórias – Contação de histórias instituído pela Secretaria de Cultura de Terra Boa, PR.**
- **2020 – Prêmio Jornada em reconhecimento à Trajetória – conferido pela Secretaria da Comunicação Social e da Cultura do Paraná.**
- **2020 – Membro da AILB – Academia Internacional de Literatura Brasileira.**
- **2021 – Prêmio Baobá – oferecido pela Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo.**
- **2023 – Venceu o edital de tradução literária da Biblioteca Nacional para a língua Alemã pela Editora Gira Brasil.**

Fonte: <https://cleobusatto.com.br/#sobre>

6.1 ENTREVISTA COM A AUTORA

Como parte desta pesquisa, com a finalidade de entender a composição da obra e as escolhas da autora, planejamos uma entrevista com a escritora Cléo Busatto, que atualmente reside em Curitiba (PR). Por meio de questões norteadoras, são esclarecidos alguns tópicos sobre a composição da obra. Essa entrevista, realizada em 20 de abril de 2023, de maneira remota, por meio de aparelho celular, teve como objetivo conhecer a escritora e revisitar os bastidores da produção da obra na totalidade, enfatizando, sobretudo, a produção de *A fofa do terceiro andar*. Acompanhemos o que diz a escritora:

Adriana Martins da Rocha (AMR): *A fofa do terceiro andar* foi inspirada em alguma vivência sua? Qual é a história por trás da história?

Cléo Busatto (CB): Não, (*a fofa*) não foi inspirada em vivência minha. *A fofa* foi inspirada na fofa. Assim ela surge: estava fazendo mestrado em Florianópolis, em 2005. Lembro que um dia falei: “Gente, tenho o título para um novo livro. *A fofa do terceiro andar!*” Eu acordei com essa história da fofa [...]. É a história de uma menina gorda. Estava me incomodando muito naquela época a ditadura da estética...

Todas as garotas se inspiravam nas modelos magérrimas, e as meninas tinham bulimia, [...] e eu achava aquilo uma loucura, achava tudo muito ditatorial, muito cruel com o ser humano e com garotas e com adolescentes. E aí resolvi fazer a história de uma garota gorda. Enquanto isso, esse contexto foi se criando, se formando na minha mente, veio uma outra história, que é de uma amiga que mora em Recife, chamada Elza, a quem dedico o livro. Nós fazíamos produções juntas. Eu dirigia e ela atuava. Ela e mais um grupo de atores. E a Elza era imensa, era gorda. Quase obesa, sabe, gorda de gorducha. Eu a admirava. Iria tratar da gordura sem a patologia da gordura, mas a gordura como algo saudável. Tanto é que a fofa chega uma hora que fala: “eu não sou gorda, eu sou exuberante, né?” Ela recupera a autoestima, acho que a força foi a história por trás da história. [...]. Não é uma autoficção; nenhum dos meus livros é autoficção até agora. Mas tem muita coisa minha: os diários, coisa que eu escrevo, eu tenho uns 40 cadernos de 200 páginas manuscritos... As músicas, a trilha sonora d'A fofa...

AMR: E sobre as escolhas lexicais, como você faz para realizar a escolha de palavras que determinarão as características das personagens, por exemplo?

CB: Puxa, nunca pensei nisso, viu? [...]. Qual é o vocabulário do meu personagem? Qual é a voz do meu personagem? Isso não é uma escolha consciente, sabe? Isso vai mais pelo meu lado intuitivo. [...]. Meus personagens têm algumas coisas que são características da minha escrita, por exemplo, não dou o nome para lugar onde eles vivem. [...]. Não cito o local onde esses personagens moram. Pode ser qualquer lugar com aquelas características. Eu deixo para o leitor criar, não tenho essa coisa de descrever um lugar específico [...]. Eu descrevo lugares, mas eu não nomeio, [...] podem ser de qualquer lugar, podem ser de uma cidadezinha, de uma vila, como podem ser de uma cidade grande. Mas eu tenho que pensar melhor sobre isso.

AMR: Ao entendermos que a leitura subjetiva estimula a participação ativa do leitor, em uma experiência de produção de sentidos, fazendo incidir sobre o texto suas emoções, suas expectativas, sua compreensão do mundo e de si mesmo, você acredita que a leitura da obra *A fofa do terceiro andar* pode estimular a subjetividade no leitor adolescente? De que forma isso poderia acontecer?

CB: Saber que a minha escrita toca o leitor a ponto de olhar para si próprio e se transformar é o maior presente que posso receber. Então, acredito mesmo nesse poder transformador da literatura, nessa subjetividade que faz com que o leitor se coloque no texto e se transforme a partir daquele que ele lê... Isso para mim é sagrado... Acho que entro no campo do sagrado, da alma humana. Acho que, quando a gente toca na alma humana, acaba indo pra um campo atemporal, e é uma coisa que sempre admirei.

AMR: Você tem um caderninho de palavras que considera importante para a composição do seu estilo? Usa muito o dicionário de sinônimos? Enfim, como se dão as suas escolhas linguísticas?

CB: Não tenho caderninhos de palavra. Uso dicionário de sinônimos raramente... Todas as vezes que tentei usar dicionário de sinônimos, “entrei pelo cano”... Eu sou uma contadora de história, tenho uma linguagem muito oralizada e a minha escrita é muito oralizada e, talvez por ter feito teatro por muito tempo, escrito textos para teatro, uso muito diálogo [...]. Acredito que se eu estiver com criança, vou ter de fazer escolhas de palavras conhecidas. Acho super importante, porque vai ampliar o vocabulário dos pequenos, mas tenho que, de alguma forma, colocar aquilo em um contexto que ela entenda [...]. O meu estilo vai se criando, vai se formando, se estabelecendo, tomando uma forma, criando uma cara a partir dos livros que eu estou fazendo [...]. Acredito muito que as nossas escolhas têm a ver com as nossas leituras. Obviamente, quanto mais leio e quanto mais sofisticadas são as minhas leituras, mais sofisticada vai ser a minha escolha linguística...

AMR: De que forma *A fofa do terceiro andar* faz você repensar suas vivências, suas experiências como leitora e como escritora?

CB: Ah, sempre me repenso. É a partir daquilo que eu escrevo, sempre me transformo, porque acabo colocando a minha experiência de vida. A fala (d'A *fofa*) tem muito a ver com a minha fala [...]. Tive também uma adolescência conflitada, sabe, não pelo fato de ser gorda, porque era o contrário, era magrinha, mirradinha, pequeninha e nariguda, pelo menos era o que achava [...]. Muitas coisas, muito *bullying*, só que naquela época era tudo muito "engraçado". E não, a gente não tinha para onde correr, não tinha o que fazer com esse abuso psicológico. Eu não tinha nem sequer repertório textual, linguístico e muito menos emocional e psicológico para rebater isso; não conseguia nem xingar, porque era a garota tímida. Então, a Fofa exorcizou um pouquinho de todo o *bullying* que eu sofri na minha adolescência.

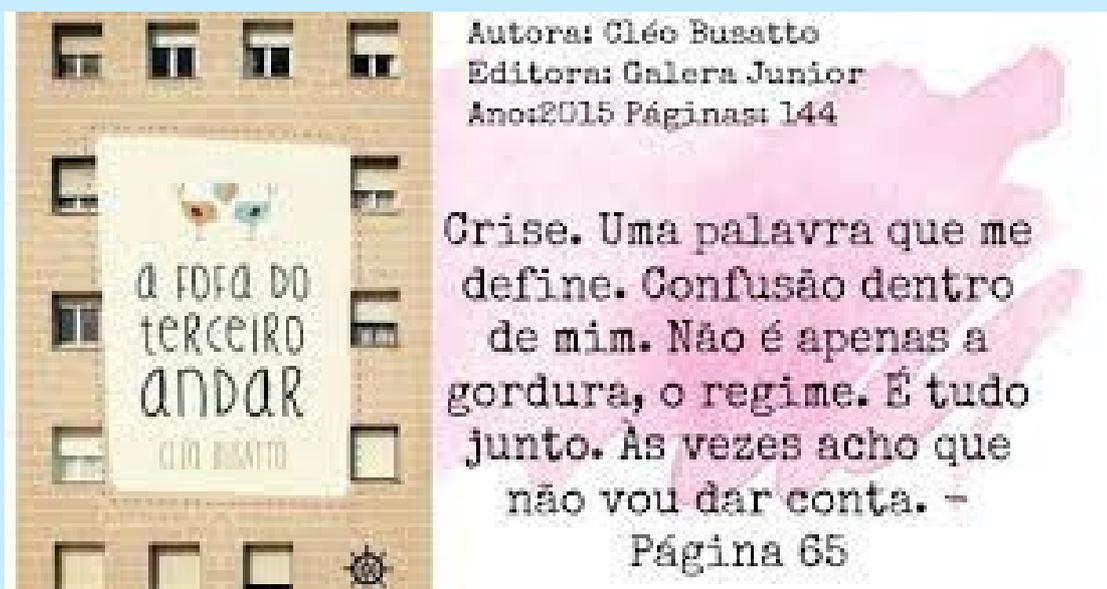
7. AS OFICINAS

Por experiência, consideramos que, nas séries finais do Ensino Fundamental, o(a) estudante adolescente é tido(a) como alguém que não gosta de ler, que apresenta resistência às aulas de leitura literária e, muitas vezes, é vítima de *bullying* porque seu corpo está em plena transformação. Assim, a opção pela escolha da obra em questão (Busatto, 2016) vem ao encontro de perspectivas que foquem na construção da empatia, utilizando a leitura subjetiva como estratégia. Destarte, optamos por produzir atividades (ministradas por meio de oficinas) que preconizam refletir sobre problemas instaurados.

A palavra “oficina” tem origem no latim “*officina*” e significa “lugar de trabalho”. O termo surgiu na Roma Antiga e era usado para designar os espaços onde os artesãos realizavam suas atividades. Atualmente, esse conceito se expandiu, adaptando-se às necessidades de diferentes áreas. Nas escolas, por exemplo, quando se prepara um espaço para um trabalho diferenciado, é comum que esse espaço receba essa designação. E foi por isso que escolhemos esse termo.

A teoria francesa de formação de leitores subjetivos (Rouxel, 2013), que subsidia este trabalho, pode favorecer momentos de diálogo com a obra literária, utilizando-se de reflexões, discussões, inferências, trocas de ideias e experiências que, nesta proposta, deverão ser finalizadas observando a materialidade literária e ao saber empírico trazido pelo(a) jovem-leitor(a) inserido(a) no processo, durante a participação dos estudantes nessas oficinas.

Figura: Card com frase do texto



Fonte: https://encrypted-tbn2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTLIdBhI8fuPkd2RYoRx_SCVuOUMw3Vegw-l8-PYxme-vvhezMR

MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

Professor(a), neste momento, vamos explorar a palavra-chave do título do livro, antes de mostrar a capa do livro à classe. Você pode escrever a palavra “FOFA” no centro do quadro negro e pedir para que os estudantes escrevam ou desenhem os sentidos que a palavra tem para eles.

Figura: Quadro de giz



Fonte: <https://www.freepik.com> – Montagem pessoal.

Atenção, professor(a)!

Aqui, você pode usar diferentes formas para realizar essa dinâmica e adaptar à sua necessidade. Sugestões:

1. Pode usar programas e aplicativos disponíveis gratuitamente: sugerimos o Jamboard, uma espécie de painel digital que recebe contribuições dos estudantes por intermédio do aparelho celular ou computador em sala de aula. Ver www.google.jamboard.

2. A palavra Fofa pode estar escrita em um cartaz colado no quadro. O(A) professor(a) pode distribuir aos/às estudantes *post-its* e solicitar que escrevam ou desenhem o sentido que a palavra FOFA representa para cada um(a). Após a escrita, cada um(a) deve colocar seu *post-it* no cartaz. Pode-se abrir espaço para a socialização das ideias.

Figura: Exemplo de atividade proposta no Jamboard



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura – Menina com sorvete



O que essa imagem
provoca em você?

Fonte: www.museubotero.com

- O que vocês veem nessa imagem?
- Qual(is) a(s) relação(ões) entre a imagem e a palavra fofa?
- É uma imagem comum em nosso cotidiano?
- Registre as impressões do(a)s estudantes – no quadro negro, cartaz ou outro material disponível – para posterior resgate.



Professor(a), é bem possível que o(a) estudante de nono ano não conheça o artista colombiano Fernando Botero. Você pode solicitar aos(às) alunos(as) que descubram juntos essas informações, com ajuda da internet. É importante registrar as descobertas no caderno (ou em um cartaz para afixar em sala de aula), a fim de que o(a) estudante perceba como essas informações influenciam o trabalho do artista

Quem é Fernando Botero?

Fernando Botero nasceu em Medellín na Colômbia, no ano de 1932. Pintor, desenhista e escultor de grande originalidade. Conhecido pelas suas figuras obesas (sua marca) por meio das quais retrata a família, o cotidiano, a vida burguesa, a cultura popular colombiana, animais, flores e personagens históricos. Seu estilo é inconfundível, único.*

Figura: O artista Fernando Botero



Fonte da imagem: <https://www.nytimes.com/2023/09/15/arts/fernando-botero-dead.html>

No início de sua carreira, suas obras exprimem o caráter expressionista da pintura. Em março de 1955, Botero regressou ao seu país e suas obras, realizadas durante sua estada na Itália, foram acolhidas pelo público como “demasiadamente clássicas”. Depois de passar pelos Estados Unidos em 1957, Botero

voltou a Bogotá como o mais importante artista da nova geração, trazendo na sua bagagem a vanguarda nova-iorquina e os modernistas mexicanos, ao lado da arte Renascentista e do Barroco do Novo Mundo.

*Fonte: <https://acrilex.com.br/portfolio-em/fernando-botero>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Você sabia que Botero também fazia releituras?

Figura: Monalisa de Botero



fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/monalisa/OwG2Tsb1erVytQ?hl=pt>

- Quem é a inspiração de Botero para essa releitura?
- A releitura de uma obra de arte é a criação de uma nova obra, a partir de uma referência artística anterior. O artista da nova obra confere um toque pessoal à obra anterior e a proposta não configura cópia ou falsificação.
- O que você achou dessa releitura?

Agora é sua vez!

Inspirados na releitura feita por Botero e usando a marca pessoal do artista (figuras obesas), escolha uma pintura famosa e faça uma reelaboração.

Sugestão: professor(a), apresente aos(às) estudantes opções de obras conhecidas, como Abaporu (Tarsila do Amaral); Pietá (Michelangelo); O mestiço (Cândido Portinari), dentre outras.

Figura: Monalisa de Leonardo DaVinci



fonte: <https://www.pariscityvision.com/pt/paris/museus-de-paris/museu-do-louvre/mona-lisa-historia-misterios>

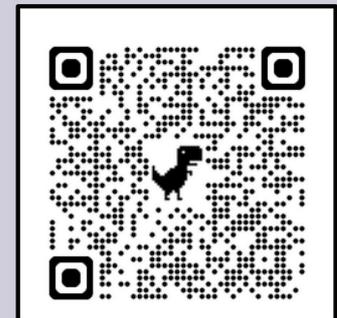
Professor(a), que tal uma exposição com as releituras produzidas pelos estudantes?

REFLEXÕES IMPORTANTES

- Quem é a inspiração do Botero para essa releitura?
- O que você achou dessa releitura?

Museu Virtual Fernando Botero

Figura: Museu Botero



<https://www.banrepcultural.org/bogota/museo-botero>



A linguagem audiovisual

Professor(a), inferir sentidos e trazer a problemática observada na linguagem artística para discussão em sala de aula pode corroborar para que o(a) estudante identifique e reveja algumas ações presentes no cotidiano escolar. Para esse momento, pensamos no uso da linguagem audiovisual, com o curta denominado Reflexo, produzido pelo estúdio Disney, disponível na coletânea Pane Elétrica.

SUGESTÃO

Inicialmente, pode-se executar a dinâmica da caixa de presente: com as cadeiras dispostas em semicírculo, os(as) alunos(as) recebem uma caixa com tampa, que contém um “presente”. Dentro da caixa, o professor coloca um espelho e diz ao estudante que ele receberá um presente. Mas não se trata de qualquer presente: este é o melhor presente que o estudante poderia ter.



Figura: Caixa de presente



Fonte: Imagem da internet.

Solicite que os estudantes não falem o que encontraram na caixa, apenas esboquem uma reação fisionômica se gostaram ou não do conteúdo da caixa.

Assim que todos abrirem a caixa, podem comentar o que era o presente. Pode ser que, nesse momento, alguns citem o objeto (espelho) como sendo o presente. Juntos, devem concluir que o verdadeiro presente é justamente aquilo que está refletido no espelho.

Será que os adolescentes gostam do seu reflexo? O professor pode fazer questionamentos à turma que levem à reflexão: eu gosto do que vejo no espelho? O que mais “curto” em mim? Por que estou (ou não estou) satisfeito com minha imagem? Dependendo da reação da turma, pode-se aprofundar o assunto.

- **Proponha aos estudantes assistirem ao curta chamado Reflexo.**



Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.acheiusa.com%2FNoticia%2Fcurta-metragem-da-disney-traz-1a-bailarina-plus-size-da-animacao-114657%2F&psig=AOvVaw20b9eZpgDjkQBLex8vMpF8&ust=1716505909127000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBIQjRxqFwoTClj2gfgwooyYDFQAAAAAdAAAAABAE>

Trata-se de uma animação de 3 minutos, parte do projeto Pane Elétrica (Circuito de ideias) que reúne uma série de curtas metragens experimentais feita por talentos do estúdio Disney. Reflexo é dirigido por Hillary BradField, que mostra Bianca praticando balé enquanto se olha no espelho. A imagem espelhada vai aos poucos rachando e se desfazendo, simbolizando a forma quebrada com que vê seu corpo.



Fonte: <https://www.disneyplus.com/pt-br/series/circuito-de-ideias/3S2DLVtMPA7V>





RODA DE CONVERSA

Este é um momento dedicado ao debate sobre um determinado tema, em que os participantes se reúnem formando um círculo e todos têm oportunidade de expressão, em uma determinada ordem, previamente informada pelo mediador, que é a pessoa responsável por organizar e conduzir o diálogo.

A roda de conversa* é um momento de concentração e atenção ao outro, por isso o uso do celular, conversas paralelas e outras distrações devem ser evitados. O mais importante é que, durante a realização da roda, seja mantido respeito entre os participantes, a fim de que todos se sintam seguros e confortáveis para falar.



**Inspirado no trabalho intitulado Roteiro para roda de conversa sobre o PNAES. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/433385/2/ROTEIRO%20PARA%20RODA%20DE%20CONVERSAS%20SOBRE%20O%20PNAES.pdf>*

Para melhor delimitar o momento de fala de cada um(a), o(a) mediador(a) poderá escolher o que será o objeto da palavra, que é passado de pessoa para pessoa, a fim de regular o fluxo do diálogo (quem fala e quando fala). Neste caso, pode-se usar a própria caixa com o espelho ou somente o espelho. As rodas de conversa necessitam de uma preparação que envolva a elaboração de um roteiro.

Abertura: boas-vindas, mensagem ou poema, apresentação dos participantes (quando não se conhecem) e apresentação do tema a ser debatido. Perceba se os estudantes compreendem o tema que será debatido.

Desenvolvimento das atividades planejadas: o(a) mediador(a) faz uma pergunta ou propõe outra que foi previamente planejada:

- **Vocês gostaram do curta?**
- **Conhecem alguém que já passou por essa situação?**
- **É fácil enfrentar situações de *bullying*?**

Fechamento: espaço para que os participantes reflitam sobre o que foi debatido na roda de conversa.

PARA REFLETIR

Professor(a), como foi o desenvolvimento dessa atividade?

Os estudantes participaram? Respeitaram o momento de falar e ouvir?

Faça uma avaliação deste momento com os(as) alunos(as). É importante que eles(as) saibam que todas as atividades realizadas em sala de aula têm objetivos e podem ser aperfeiçoadas.

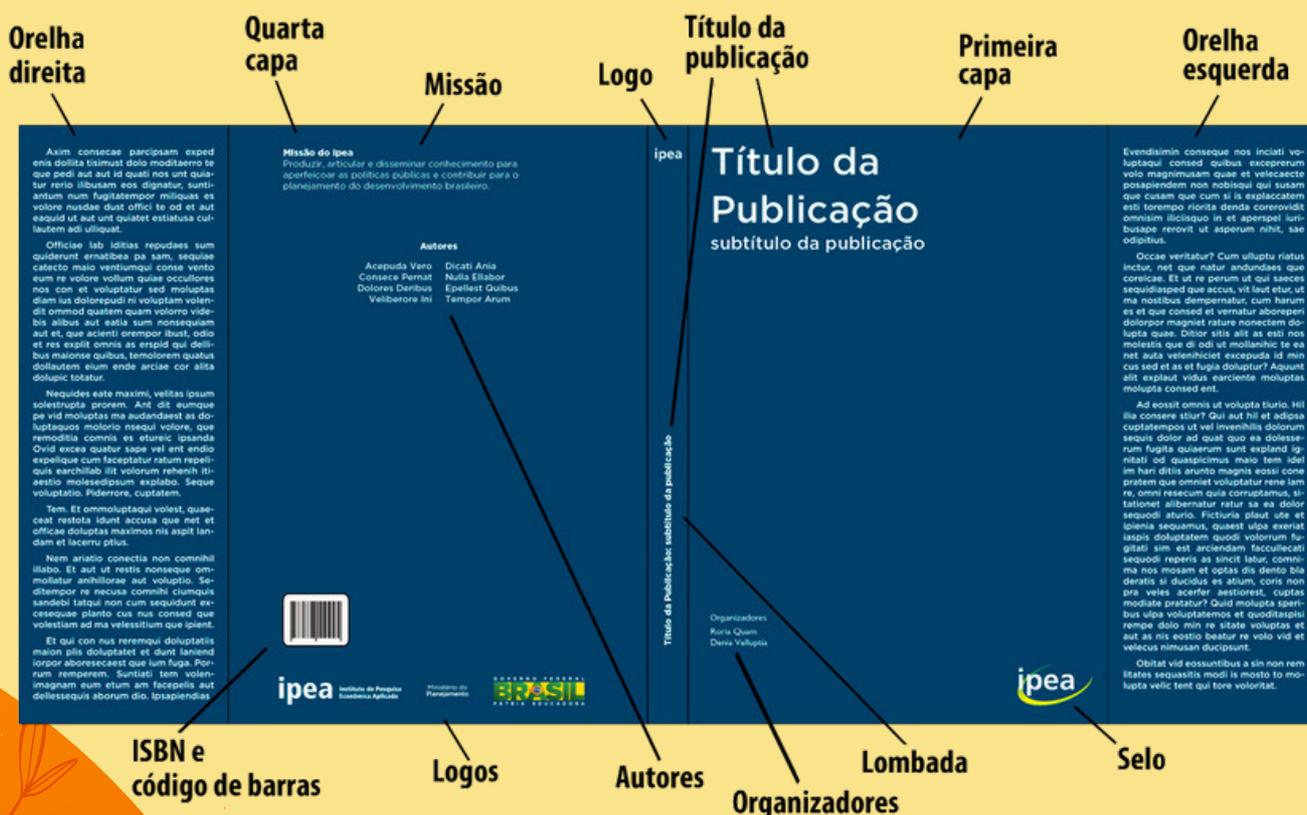


Fonte: elemento do Canva

A PARATEXTUALIDADE

Professor(a), a paratextualidade compreende tudo aquilo que rodeia ou acompanha marginalmente um texto, determinado pelo autor ou editor do texto original. A ilustração é o elemento paratextual mais antigo. Além dela, há outros elementos paratextuais comuns: índice, prefácio, posfácio, dedicatória e bibliografia. Temos, no título de um texto, o elemento paratextual mais importante e que aparece em destaque.

Figura: Capa de livro aberta



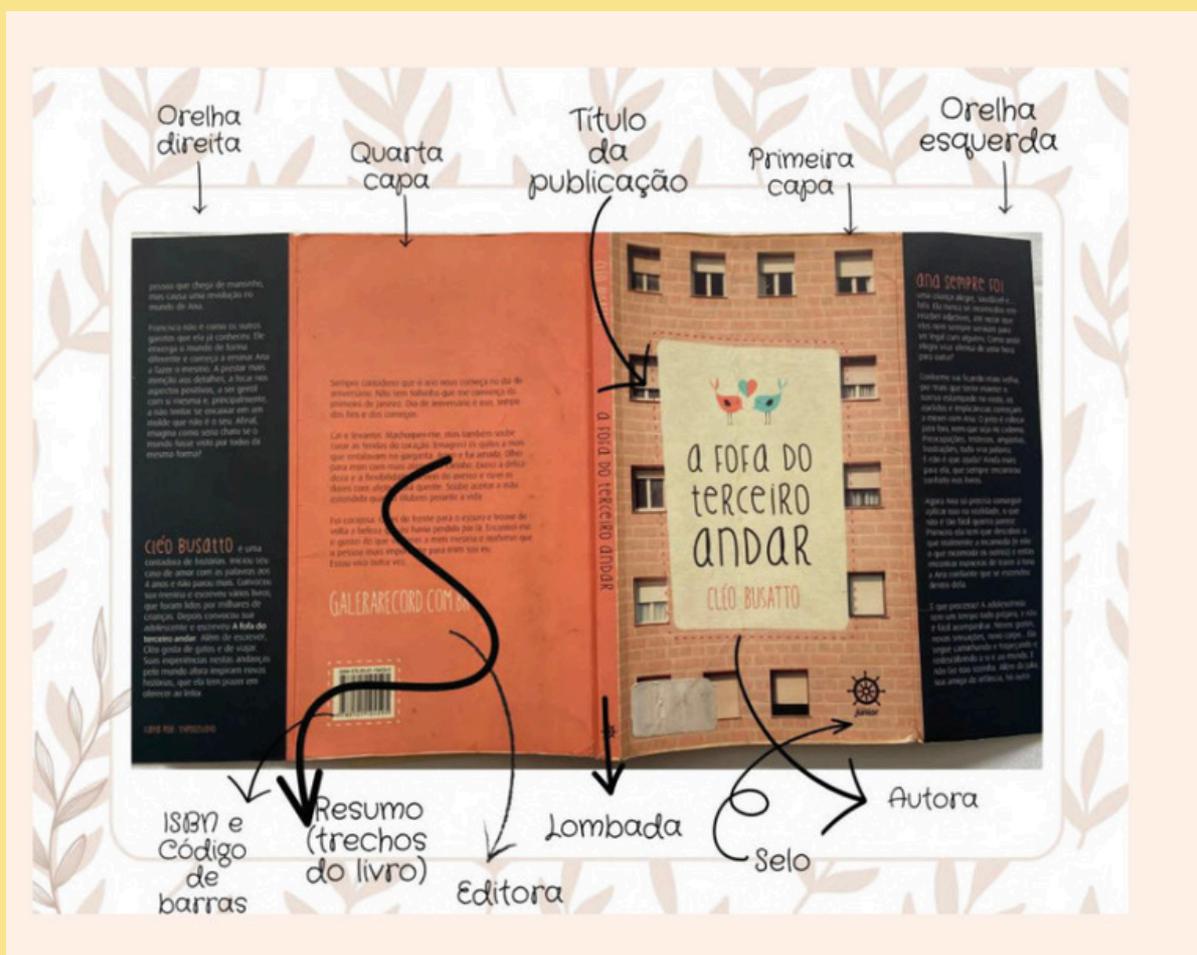
Fonte: <https://www.ipea.gov.br/sites/manualeditorial/padroes-editoriais/estrutura-da-obra/paratexto>

CHEGOU A HORA DE APRESENTAR A OBRA...

Professor(a), explore, agora, os elementos paratextuais da obra: inicie pelo título, explore o nome da autora, a imagem de fundo, as “orelhas”, as informações da quarta capa, a dedicatória...

Verifique se os estudantes identificam cada elemento de paratextualidade; leia para os(as) alunos(as) as informações que esses elementos trazem para a obra.

Figura: Capa da obra lida



Fonte: Arquivo pessoal.



Atenção, professor(a)!



Chegou o momento de criar os diários de leitura. O diário será o instrumento que os estudantes utilizarão para registrar suas impressões sobre a leitura. Como o diário é bastante pessoal, o(a) professor(a) pode solicitar que cada um escolha um “caderninho” (espiral, com ou sem pautas, brochura) e traga para aula. Outra opção é o(a) professor(a) organizar esse material, fazendo cópias e grampeando.

Uma sugestão é mesclar folhas pautadas com folhas em branco. O estudante vai escolher o que usará nos momentos de confecção de seu diário.

Dedique um momento para a produção da capa do diário. Leve para a sala de aula diferentes materiais: lápis de cor, aquarela, revistas para recorte ou imagens impressas, canetinhas, carimbos, canetas coloridas, fitas, rendas, papéis coloridos e de diferentes gramaturas.

Figura: Capa do diário de leitura



Fonte: Arquivo pessoal.

OBS.: normalmente, as escolas contam com esses materiais e podem disponibilizar aos estudantes. Caso isso não seja possível, o professor pode solicitar aos próprios estudantes que tragam aparatos diferentes e que compartilhem entre si, tornando esse momento de criação lúdico e interessante.



1. CRIANDO UM BANCO DE IMAGENS

Professor(a), o livro não comporta nenhuma ilustração. Então, fica a critério do leitor a imaginação de cada personagem, de acordo com a descrição feita pela narradora-personagem. É possível utilizar o diário de leitura para que os estudantes registrem, por meio de palavras ou de desenhos:

- a) Ana Vita - a protagonista;
- b) os pais de Ana;
- c) Júlia, a melhor amiga;
- d) Otávio;
- e) Francisco;
- f) outros personagens citados na obra.

Dica: os estudantes podem fazer esse registro no momento da leitura: cada vez que aparece algum personagem novo, pode-se solicitar o registro (com imagens ou palavras).

Figura: Banco de imagens



Fonte: Imagem do Canva.

2. O ÁLBUM DE RECORDAÇÕES DA FOFA

Se preferir, professor(a), você pode confeccionar com os estudantes o Álbum de recordações da Fofa, dado o término da leitura da narrativa.

Sugerimos dividir a classe em duplas e sortear os personagens. Cada dupla tem a função de ilustrar e registrar a memória que cada personagem ou situação deixou à Ana Vitta.

Figura: Pasta com imagens



Fonte: Arquivo pessoal.

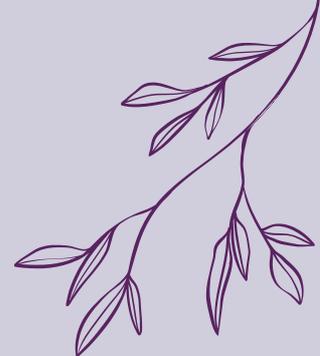
DICA: junte todas as ilustrações em uma pasta ou simplesmente grampeie as folhas; peça a um estudante que faça a capa do álbum e deixe em exposição na biblioteca da escola.

Para auxiliar, forneça aos estudantes as páginas em que as personagens/situações aparecem:

TABELA 1: Relação de páginas

PROFª HAIKAI	PÁGINA 72
PROFª EDUCAÇÃO FÍSICA	PÁGINAS 10/11/23
JÚLIA	PÁGINAS 80/81/82/96
AS "ANAS" DA ANA	PÁGINAS 105/106
MARINA	PÁGINA 110/111
MÁRIO	PÁGINA 119/ 120 E 121
ANA - 16 ANOS	PÁGINAS 126/127/128/129/131/134/135
MURILO	PÁGINAS 11/12/68
TOMBO NA QUADRA	PÁGINAS 10 E 11
ELEVADOR	PÁGINAS 21/22/23
TOMBO NA CANTINA	PÁGINAS 37/38/39/40
ENCONTRO NO PARQUE	PÁGINAS 33/34
ANA CRIANÇA	PÁGINAS: 12/17/18/19/34/39
ANA - 14 ANOS	PÁGINAS: 9/10/17/25/29/34/39/60
MÃE DA ANA	PÁGINAS: 19/46/47/48
OTÁVIO	PÁGINAS: 21/22/23
PAULA	PÁGINA 24
ELIANA	PÁGINA 23
MIA	PÁGINA 13
PROFª FILOSOFIA	PÁGINA 36/37
DONA REGINA	PÁGINA 37/40
JULIANA	PÁGINA 39
ANA - 15 ANOS	PÁGINAS 65/66/86
LAURA	PÁGINA 79
PROFª LITERATURA	PÁGINAS 50/88/89/90
PAI DA ANA	PÁGINAS 51/52/53
KALI, A LOIRA	PÁGINA 54/55/56
FRANCISCO	PÁGINAS 68/69/83/103
MENARCA	PÁGINAS 60/61/96
PRIMEIRO BEIJO	PÁGINAS 97, 98 E 99
MORTE DA MARINA	PÁGINAS 114, 118 E 119.
SONHO	PÁGINAS 76 E 77

Fonte: Arquivo pessoal.



AS ESCOLHAS LEXICAIS

1. Dinâmica do Quilling

Professor(a), desenvolver uma atividade que explore as escolhas lexicais da autora pode ser um excelente momento para que se concretize a materialidade do texto. Existe, no primeiro capítulo, uma série de adjetivos elencados pela narradora no excerto abaixo (Busatto, 2025, p. 10). Essas escolhas, feitas pela autora do texto, não são aleatórias. Certamente, são escolhas feitas com um objetivo.

Olá, tenho 14 anos, um pouco menos de um metro e sessenta de altura, um pouco mais de setenta quilos. (Na verdade, muito mais de setenta.) Eu sei, estou no limite, mais um pouco e viro obesa. Fiz aniversário há poucas semanas, dia 19 de março. Meu nome é Ana, mais conhecida como a fofa do terceiro andar.

Para começar, quero que saiba que odeio este adjetivo. Odeio todos os adjetivos. Na escola, aprendi que adjetivos atribuem qualidades aos substantivos, e fofa é um adjetivo diretamente ligado ao substantivo Ana.

Ana sou eu, substantivo próprio, qualificado por outros tantos substantivos comuns, que ao se unirem ao substantivo próprio Ana o qualificam e o elevam à categoria de adjetivo. Por exemplo: Ana bola, Ana tonelada, Ana baleia... Por isso estou treinando para pensar, escrever e falar sem adjetivos, e ver as coisas como elas eram no momento que surgiram. Pedra é só pedra. Pau é pau. Menina é menina. Mãe é mãe. Pai é pai. Pronto. Agora vou pensar assim. Colegas, por exemplo. São apenas colegas e ponto final. Se quiser, fique à vontade e dê a eles todas as qualidades que achar necessárias. Você vai começar a conhecê-los daqui a pouco e então me dirá se tenho ou não razão.

Fonte: BUSATTO, Cléo. **A fofa do terceiro andar**. Curitiba: Galera Junior, 2015. p. 9-10.

Assim como a protagonista Ana, muitos estudantes dão e recebem apelidos o tempo todo. Considerando a relevância dessa peculiaridade do texto de Busatto, propomos a dinâmica do Quilling*:

1

Cada aluno(a) recebe uma folha (tamanho A4) de papel sulfite colorido e escreve os adjetivos escolhidos pela escritora para caracterizar a narradora-personagem em um lado da folha.

Professor(a), ajude os estudantes nessa etapa: releia com eles o fragmento da página 10 e registre as respostas no quadro-negro.

2

Os estudantes são convidados a refletir sobre o porquê de essas escolhas terem sido feitas. Se a escritora escolhesse outros adjetivos (ou, então, deixasse de usá-los), um sentido diferente seria dado ao capítulo?

***Quilling: técnica que se popularizou na Europa durante a Idade Média e o Renascimento. Nessa técnica, as tiras de papel são enroladas em espirais, coladas e moldadas em diversos tamanhos e formatos sobre uma superfície.**

3

Peça para que os estudantes virem a folha : do lado de trás, irão registrar os adjetivos que eles mesmos já receberam (em casa, na rua, na escola ou em outros lugares que frequentam) e que marcaram negativamente sua existência.

Enquanto escrevem, convide-os a refletir sobre as sensações que essas palavras provocam quando são lembradas. Pode ser um momento delicado, penoso e dolorido para alguns estudantes, mas deve ser concluído para que haja resignificação e novo sentido.

4

⇒ Após a conversa sobre a dinâmica, as folhas devem ser passadas pela fragmentadora de papel, que transforma a folha em tiras finas. Essas tiras devem ser enroladas (com auxílio da ponta do lápis de escrever) e transformadas em rolinhos - técnica conhecida como *quilling*

Figura: Fragmentadora de papel



Fonte: Imagem da Internet.



Professor(a), a maioria das secretarias escolares tem esse instrumento (fragmentadora de papel). Caso a escola não conte com esse dispositivo, solicite aos estudantes que recortem a folha de papel em tiras finas:



Fonte: Arquivo pessoal.

5

Após a conclusão da confecção dos rolinhos, os estudantes são convidados a refletir sobre a ressignificação dada pela narradora aos adjetivos recebidos durante tanto tempo. A narradora-protagonista descreve esse momento da seguinte maneira:

Professor(a), retome o trecho em que Ana ressignifica os adjetivos, nas páginas 136-137:

Além do mais, descobri a palavra “exuberante” e fiz as pazes com os adjetivos. Agora sou assim. *Exuberante*. Falo de boca cheia, a gorda não existe mais, quem ocupou seu lugar foi esta garota exuberante. Sou grande e cheia. Estou mais para tigresa que para gatinha. Este é o meu corpo.

Cor. Agora eu sou cor. Cores serenas, como eu. Ressalto o que gosto em mim: meus olhos; os seios bonitos (então decote neles). O sorriso, agora o verdadeiro. E meu lado espirituoso resgatado do íntimo da nova Ana.

Quem gostou do novo modelo foi Francisco. Disse que eu lhe surpreendo, nunca sabe que Ana irá aparecer no dia seguinte. Assumi que sou uma garota peso-pesado e bem vistosa, gorda de emoções. Uma garota exuberante.

Fonte: BUSATTO, Cléo. **A fofa do terceiro andar**. Curitiba: Galera Junior, 2015. p. 136-137.

Que palavra poderá representar a sua turma?



Figuras: Palavras escolhidas pelos estudantes para confecção do cartaz



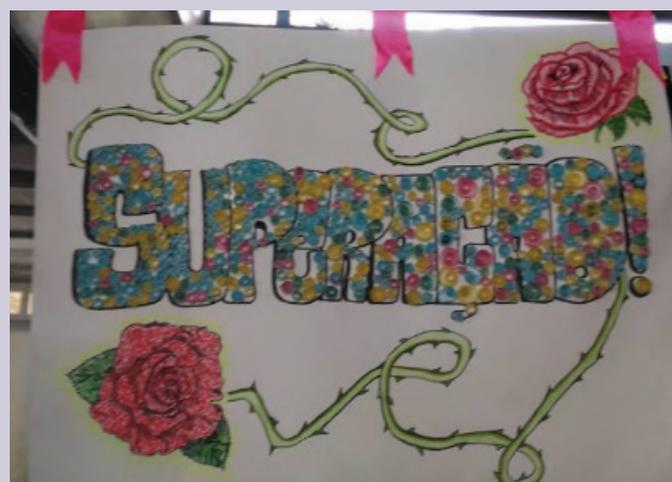
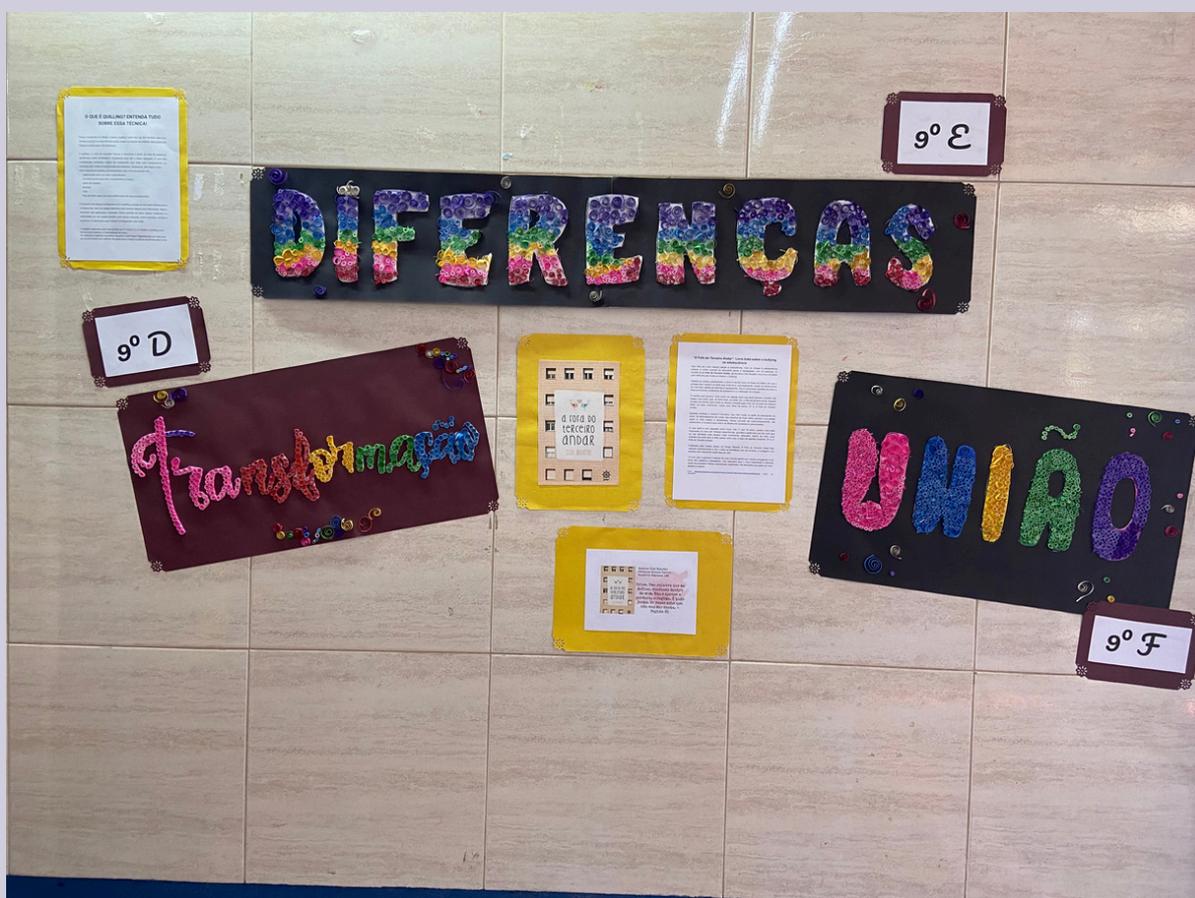
Fonte: Arquivo pessoal.

6

A palavra escolhida compõe o cartaz coletivo, utilizando os rolinhos feitos por todos os estudantes. O efeito visual que essa técnica propicia é extraordinário: cada rolinho representa um adjetivo recebido pela protagonista (durante a narrativa) e pelos estudantes (em suas experiências diárias). Juntos, transformam e criam outra palavra, desta vez repleta de sentido/significado.

Professor(a), os cartazes produzidos pelas turmas podem fazer parte de um mural para apreciação dos demais estudantes. É importante descrever, resumidamente, o processo que resultou no cartaz exposto, a fim de que a comunidade escolar compreenda o sentido da atividade. É interessante, também, elaborar pequenas definições para explicar a técnica de *Quilling* utilizada.

Figura: Cartazes produzidos pelos estudantes



Fonte: Arquivo pessoal.

OUTROS OLHARES... OUTROS GÊNEROS

Aproveitando a temática apresentada pela obra literária (*bullying/gordofobia*), é possível explorar outros textos literários em que esses temas aparecem. Aqui, sugerimos a leitura de um texto escrito em cordel.

REVISANDO OS CONCEITOS

O que é Literatura de Cordel?
[Francisco Diniz]

Literatura de Cordel
É poesia popular,
É história contada em versos
Em estrofes a rimar,
Escrita em papel comum
Feita pra ler ou cantar.



Fonte: <https://image.slidesharecdn.com/cordel-historicoecharactersticas-230329185217-507e0933/75/cordel-historico-e-characteristicas-pptx-2-2048.jpg>

A Literatura de Cordel é um gênero literário que teve sua origem nas regiões Nordeste e Norte e recebeu o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, no ano de 2018, mas hoje já é difundido em todo território nacional, atestando sua relevância cultural para nós brasileiros.

Os poemas de cordel são escritos em forma de rima acompanhados de algumas ilustrações que utilizam a técnica da xilogravura.

Recitados de forma melódica, o cordel é a divulgação das tradições populares, da arte, além de ter uma grande importância para a manutenção das identidades locais e das identidades locais e das tradições literárias de cada região.

Também conhecido como folhetos, eles eram vendidos em feiras, bancas e mercados. O nome de cordel é original de Portugal, que tinha a tradição de pendurar folhetos em barbantes.



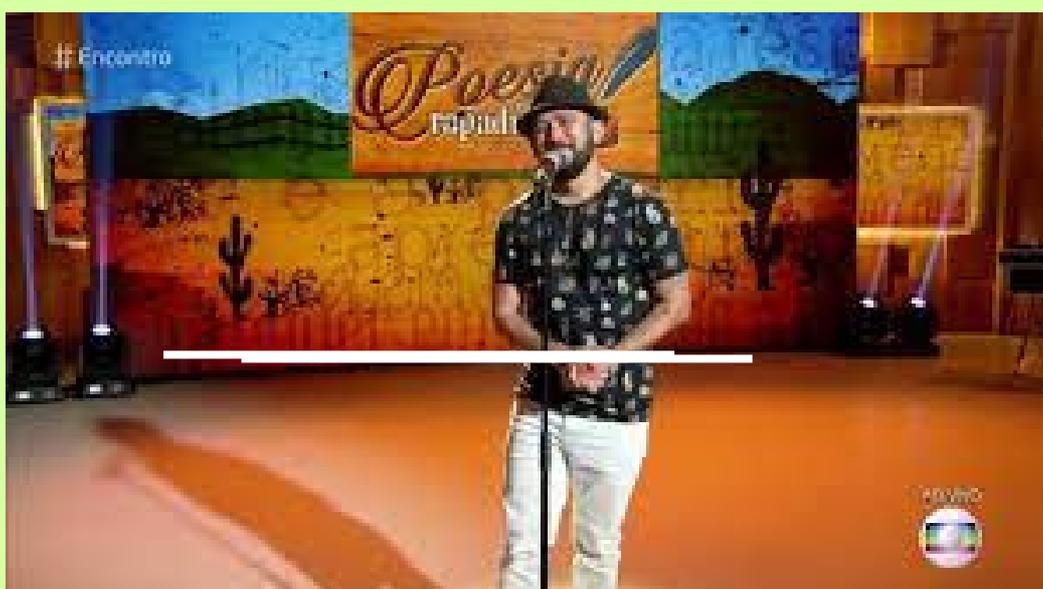
<https://static.todamateria.com.br/upload/co/rd/cordel-cke.jpg>

Professor(a), se houver disponibilidade (na biblioteca escolar ou em seu acervo particular), é interessante levar os livretos de cordel para que os estudantes possam manuseá-los. Caso isso não seja possível, mostre as imagens disponíveis na internet, em sites confiáveis, como Academia Brasileira de Literatura de Cordel - ABCL - (<https://abcl9.wordpress.com/>) e a fundação Casa Rui Barbosa - FCRB (<https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br#gsc.tab=0>), que criou o projeto Cordel - Literatura Popular em Verso, reunindo obras de 21 cordelistas.

ATIVIDADE 1:

Assista com os estudantes a um excerto do quadro Café com Rapadura, veiculado no programa Encontro (Rede Globo de Televisão). No vídeo, que está disponível nas plataformas digitais, os estudantes poderão apreciar, no formato de versos e rimas, o que o cordelista Bráulio Bessa expõe a respeito da ditadura da beleza e do corpo perfeito, no poema de cordel “Beleza não tem padrão: bonito é ser de verdade”, disponível no *link* a seguir:

Figura: Apresentação de Bráulio Bessa



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=u5WJMu3NWiQ&ab_channel=Nordestinizando



<https://youtu.be/YCkYowDc1NA>

ATIVIDADE 2:

Distribua a letra do cordel para que os estudantes possam acompanhar a estrutura e a disposição dos versos e estrofes. Faça a leitura compartilhada:

Beleza não tem padrão,
Bonito é ser de verdade

Ninguém no mundo é igual
É grande a variedade
O corpo é só aparência
A alma, identidade.
Beleza não tem padrão
Bonito é ser de verdade.

Pra que tanto julgamento,
Pra que tanto preconceito,
Se não existe no mundo
Alguém que seja perfeito.
Tem gente que se diz rara,
Com boniteza na cara,
Mas com feiura no peito.

Bonito é não se pintar
Ou se pintar todo dia.
Bonito é se maquiar
Se isso traz alegria.
Porém tendo certeza
Que a verdadeira beleza
não escorre pela pia.

Bonito é o cabelo branco
Que o tempo sem clemência
Pinta um pouco a cada dia
E usa com paciência
O pincel da sabedora
E a tinta da experiência.

Todo cabelo é bonito
Que isso se esclareça
Seu cabelo também é
E o careca não esqueça
Bonito é quem tem beleza
Aqui dentro da cabeça.

Bonito é roupa de marca,
Bonito é roupa da feira.
Use a roupa que quiser,
Sem ouvir qualquer besteira
Vão falar de todo jeito
Parece que o mundo é feito
De estilista e costureira.

Bonito é ser depilado
E ser peludo também.
A pele e o pelo são seus
E o que é seu lhe convém.
Bonito é não se importar
Com o sovaco de ninguém.

Bonito é comer coxinha
Sem medo de engordar.
Bonito é ver a balança,
sem medo de se pesar.
E se o ponteiro subir,
Bonito é se aceitar.

Bonito é ser o que é
Seja lá quem você for:
Peso, altura, cabelo,
Todo estilo, toda cor
Bonito é priorizar
A beleza interior.

Bonito é não ser refém
Dessa feia ditadura
Que impõe padrões e regras
Pelo peso e pela altura
E, sem encostar um dedo,
Aprisiona e tortura.

Afinal, quando Deus criou a
gente
Não usou receita pronta:
Projetou de ponta a ponta,
De um jeito diferente
Plantou a nossa semente
Que nos solos da iguadade
Regou com diversidade
e de tudo deu no chão:
Beleza não tem padrão
Bonito é ser de verdade!

ATIVIDADE 3:

Antes de iniciar a atividade 3, oriente os estudantes a:

- numerar as estrofes;
- marcar, com caneta colorida, as palavras que rimam;
- representar a ideia principal de cada estrofe ao lado do texto impresso, usando uma palavra-chave ou imagem.

Professor(a), proponha as atividades para compreensão do texto. As sugestões que seguem abordam aspectos gerais do gênero:

1- Qual é o assunto abordado no cordel?

Espera-se que o(a) estudante fale sobre a ditadura e o que pode provocar nas pessoas.

2- No texto lido, o cordelista faz uma crítica social. Qual é?

Espera-se que o(a) estudante escreva sobre o que realmente importa em uma pessoa, o que está além da aparência física.

3- O que o cordel e o texto *A fofa do terceiro andar* têm em comum?

Espera-se que o(a) estudante escreva sobre a personagem Ana, que se sente mal porque está acima do peso.

4- Em qual(is) estrofe(s) o cordelista aborda, nitidamente, o assunto do livro lido em sala?

Estrofes 8, 9 e 10.

5- Você concorda com a crítica feita pelo autor? Justifique.

Resposta pessoal.

6 - Quanto à estrutura, analise o cordel e responda:

a) Quantas estrofes?

12 estrofes.

b) Quantidade de versos em cada estrofe?

6 e 7 versos.

c) Como se chamam as estrofes com essa quantidade de versos?

Sextilhas.

7 - Escolha uma estrofe com a qual você tenha se reconhecido e explique o motivo dessa identificação.

Resposta pessoal.

ATIVIDADE 4:

Professor(a), agora é a hora de escrever: proponha aos estudantes que escrevam 2 estrofes explorando o *bullying* sofrido por Ana Vitta devido ao sobrepeso. Essa atividade pode ser realizada em duplas.

Peça para que pensem na estrutura do cordel lido em sala: o uso de sextilhas (6 versos em cada estrofe) e as rimas no 2º, 4º e 6º versos.

Compartilhe as produções em um varal de cordel. Se preferir, elabore a capa do cordel, usando os materiais disponíveis na escola. É possível fazer uma parceria com os professores de arte para essa atividade.

Professor(a), aproveite o diário de leitura para registrar essas atividades e estabelecer relações entre os textos, a fim de ampliar a temática abordada.

Deixe que o(a) leitor(a) dê ao diário um uso eficiente: seja por meio de imagens, palavras, seja por intermédio das atividades realizadas em sala de aula durante a leitura da obra-mote.

Figura: Diário de Leitura



Imagem meramente ilustrativa.

Fonte: https://m.media-amazon.com/images/I/713rsSsgzFL_AC_SL1400_.jpg

AS REFERÊNCIAS DA FOFA

1. REFERÊNCIAS MUSICAIS



Por meio das escolhas musicais e literárias, Ana vai se revelando ao(à) leitor(a), impregnando a narrativa com referências bem peculiares.

Para auxiliar seus estudantes a compreender essas referências, é preciso identificá-las e conhecê-las. Para isso, usamos a tabela a seguir, que pode ser impressa e afixada no diário de leitura.

Eu sou a
ovelha negra
da família...

“Ela entrou aqui, tirou o fone dos meus ouvidos - *bye bye Rita Lee bye bye ovelha negra* - [...]” (Busatto, 2015, p. 45, grifos da autora).

TABELA 2: *Playlist* da narradora

Across the universe	The Beatles
Maybe	James Joplin
Ovelha Negra	Rita Lee
Menino bonito	Rita Lee
Over and over	Hot Chip
Pas besoin de permis	Benjamim Biolay
Le Train Trois	Amwlie-Les-Crayons
La Seine	Vanessa Paradis

Fonte: Arquivo pessoal.

Anotadas as referências, estimule seus estudantes a explorar cada uma dessas músicas, acessando-as via aplicativos de música ou via internet (YouTube).

Deixamos a *playlist* disponível no *link*:



<https://open.spotify.com/playlist/5EFTAFf8cFQLnhDN2Iva?si=62ae4af1652249b8>

Atenção, professor(a)! Se os(as) alunos(as) não tiverem acesso à internet, você pode acessar pelo computador e compartilhar as imagens com a turma, usando o *datashow* ou a televisão.

Os estudantes podem baixar o aplicativo de sua escolha (Deezer, Spotify ou outro) e seguir o passo a passo:

1. Acesse à página de exibição de um vídeo que você quer na *playlist*;
2. Abaixo do vídeo, toque em salvar;
3. Toque em Criar nova *playlist*;
4. Dê um nome para ela;
5. Use uma caixa para selecionar a configuração de privacidade da *playlist*;
6. Toque em CRIAR.



EXERCÍCIO CRIATIVO

Agora que você conhece a *playlist* da Ana, que tal pedir que seus/suas alunos(as) escolham uma lista de músicas para compartilhar com ela?

Como os estilos musicais são heterogêneos, sugerimos uma listagem com 10 músicas escolhidas pelos estudantes, a fim de estabelecer uma troca musical entre narrador(a) e leitor(a).

Playlist escolhida pela turma:

<input type="checkbox"/>	_____



SUGESTÃO: professor(a), você pode listar as músicas citadas pelos estudantes e realizar uma votação entre eles. As 10 mais votadas entram para a *playlist* da turma.

2. REFERÊNCIAS LITERÁRIAS



Fonte: Canva.

Professor(a), retome com os estudantes o trecho em que a narradora fala sobre sua relação com os livros e a leitura, nas páginas 17 e 18:

Sou caseira. Quando quero me divertir vou para o computador, ouço música e busco os livros. Sempre gostei de ler. Comecei cedo, aos 4 anos. Os livros foram meus companheiros para todas as situações. Brigava com meu irmão, ia para o quarto ler. Discutia com a mãe, ia ler. Quando me sentia alegre, lia. Triste, lia.

Aos 9 anos, li o primeiro livro grosso, *Os miseráveis*, de um escritor do século XIX chamado Victor Hugo, que também escreveu uma história muito legal de um corcunda que toca os sinos da catedral de Notre-Dame, em Paris. Superlegal! Mas me acabei de chorar com *Os miseráveis*. Eu era a órfã da história e todos os desgraçados do romance. Com 8, li *Robson Crusoé*, do Daniel Defoe, e pedi ao meu pai para ele construir uma casa na árvore do quintal de casa. Meu pedido foi recusado.

Fiz companhia à Emília nas suas aventuras no sítio onde ela morava e li todos os contos de fada de uma enciclopédia da biblioteca da mãe. Adorei os romances de uma autora, que escreve sobre descobertas pessoais, Lygia Bojunga. Anos atrás li dois dos seus livros. Um deles fala de uma menina que tem uma bolsa amarela onde guarda seus segredos. Me identifiquei de cara. O outro fala de uma viagem de um garoto e um pavão.

Agora, construa com os estudantes a tabela que contempla o nome da obra e o respectivo autor:

Tabela 3: Obras literárias referenciadas

NOME DA OBRA	AUTOR
<i>Os miseráveis</i>	Victor Hugo
<i>O cordunda de Notre Dame</i>	Victor Hugo
<i>Robson Crusoé</i>	Daniel Defoé
<i>Sítio do Picapau Amarelo</i>	Monteiro Lobato
<i>Contos de fadas</i>	Perrault/ Irmãos Grimm/ Andersen
<i>A bolsa amarela</i>	Lygia Bojunga
<i>A casa da madrinha</i>	Lygia Bojunga
<i>O rei Arthur e os cavaleiros da tábua redonda</i>	Howard Pyle

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

1. Com a listagem das escolhas da protagonista Ana pronta, proponha um “Caça aos Livros”: divida os(as) aluno(as) em equipes e distribua os títulos aleatoriamente para que procedam à procura.

2. É importante conversar com a pessoa responsável pela biblioteca, uma vez que essa atividade pode causar certo tumulto. Outra dica é liberar uma equipe de cada vez, estabelecendo um tempo para que possam finalizar a atividade.

3. Com os títulos em mãos, o(a) professor(a) pode fazer uma pequena resenha e divulgar os exemplares, disponibilizando-os para o empréstimo.

Professor(a), oportunize que os estudantes possam escolher outras obras além das propostas pela narradora.

O que encontrei na biblioteca da nossa escola

Tabela 4: Na biblioteca da escola, tem...

NOME DA OBRA	AUTOR

4. Promova um debate com os estudantes sobre leitura. Discuta com eles sobre o que leem, se leem ou não, se preferem livros físicos ou digitais.

5. Peça para que registrem, no diário de leitura, o título de um livro que tenham lido e marcado suas histórias de leitores. Pode ser na forma de texto (resenha) ou imagem.

Este momento pode ser compartilhado com os colegas de classe.



Fonte: Canva.

OFICINA 8

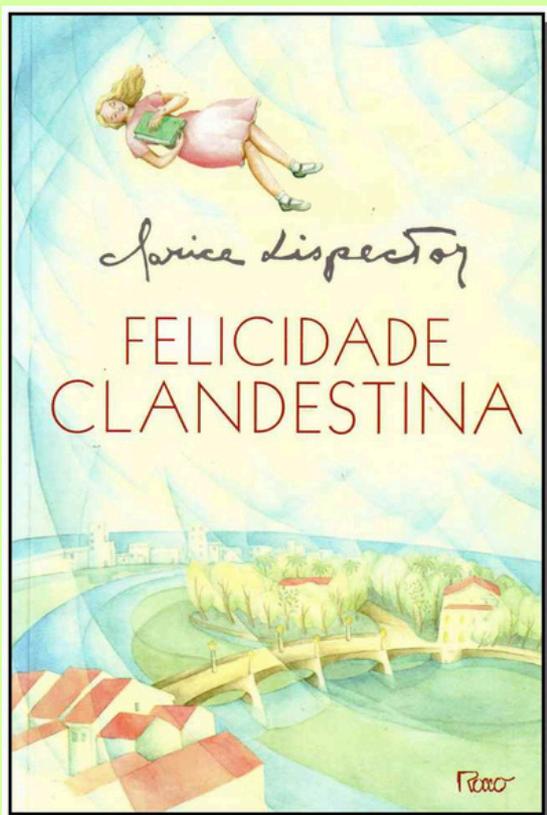
PARA ALÉM DA FOFA DO TERCEIRO ANDAR

Professor(a), as possibilidades de explorar outros gêneros a partir da temática da obra-mote são muitas. Dada a finalização da leitura, oportunize aos estudantes o contato com textos literários de diferentes escritores para ampliar o repertório cultural dos estudantes.

Nesta proposta, escolhemos a escritora Clarice Lispector, com o conto “Felicidade Clandestina” (Lispector, 1993, p. 52-55).

Sugestão: divida a turma em duplas, imprima o conto e distribua para a leitura.

Figura: Capa do livro



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/337207090856363582/>

FELICIDADE CLANDESTINA



ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas

posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar

estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Fonte: https://www.google.com.br/books/edition/Felicidade_clandestina/DizRDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PT5&printsec=frontcover



Se preferir, coloque o áudio do conto narrado por Aracy Balabanian, disponível no *link*: <https://youtu.be/OZ2JajX2ea0>



TEMPO DE REFLETIR

Professor(a), é hora de confrontar as narrativas. Embora escritas em locais e tempos bastante distintos (Recife/década de 1950 X Curitiba/2015), há vários pontos de convergência entre as histórias.

Coletivamente, proponha a escrita de um resumo de história da Ana Vitta e de Felicidade Clandestina. Essa atividade pode ser feita oralmente.

Em seguida, anote no quadro (e, posteriormente, no diário de leitura) os aspectos em que as narrativas são parecidas e, noutro lado, as diferenças existentes entre as narrativas.

Tabela 5: Confrontando narrativas

	A fofa do terceiro andar	Felicidade clandestina
Personagem principal		
Narrador		
Espaço		
Tempo		
Assunto		

Fonte: Arquivo pessoal.

Conclua com a pergunta: com qual das narradoras você mais se identificou? Escreva suas impressões no diário de leitura.



PRODUÇÃO DE *PODCAST*

Para ampliar os sentidos do texto, após a conclusão da leitura do livro, proponha aos estudantes a produção de um texto multimodal. A sugestão é criar um *podcast*, um arquivo digital de áudio transmitido através da internet, com conteúdo variado, cujo objetivo é manifestar opiniões e informações. Qualquer usuário na internet pode criar ou ouvir um *podcast*.

Divida a classe em equipes. Após discutir o tema gordofobia, registram-se as ideias e opiniões em arquivos de áudio, importante que o(a) professor(a) trabalhe a estrutura desse gênero e dê apoio aos estudantes, pois, assim, poderão concluir a atividade com êxito.

O QUE É UM *PODCAST*?

O *podcast* é um formato de conteúdo que se utiliza de áudio como o principal recurso para conduzir entrevistas, bate-papos, aulas, reflexões etc. As mídias utilizadas para ouvir *podcasts*, disponíveis gratuitamente, são: Spotify, YouTube, Deezer, Google Podcasts, dentre outras.

PASSO A PASSO

1. Determine um tema para o *podcast*

Os assuntos tratados no *podcast* são reflexões sobre os assuntos e polêmicas acontecidas no dia a dia.

2. Conteúdo e estrutura

Abertura; apresentação de tema e convidado(s); ponte para conteúdo; conteúdo e discussões.

3. Conteúdo e estrutura

Alinhado ao tema, a estrutura do *podcast* deve ser definida: se vai contar com entrevistas, debates, modelo informativo, dentre outros.

Os canais em que os episódios serão disponibilizados também se mostram importantes, por isso defina quais serão trabalhados: YouTube, Spotify, Google Podcasts, dentre outros.

4. Escolha convidados para o programa

Escolha alguém para compartilhar o assunto com o público: pode ser alguém que entenda do assunto, pode ser um leigo para trocar opiniões...

5. Organize os equipamentos e programas necessários

- **Microfone.**
- **Gravador de áudio.**
- **Headphones ou headsets.**
- **Ambiente com boa acústica.**
- **Software de gravação.**
- **Software de edição.**

Figura: Instrumentos para gravação



Fonte: Canva.

6. Faça a edição do seu *podcast*

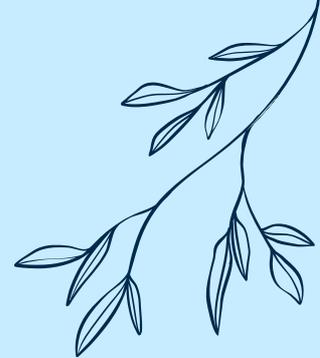
Organize as gravações, faça os cortes necessários, adicione trilhas e efeitos, melhore o áudio e finalize o programa para torná-lo mais atrativo e dinâmico.

7. Publique o seu *podcast*

Utilize o Anchor - ele publica seu *podcast* automaticamente em plataformas, como o Spotify. Você também pode subir diretamente no Spotify ou SoundCloud, que estão dentre as principais plataformas de áudio disponíveis no mercado.

Com o passo a passo definido, organize as equipes, delimite tempo e espaço para efetivar as gravações. Solicite aos estudantes que compartilhem o roteiro e a pesquisa para avaliação, antes de distribuírem nas plataformas digitais.

OFICINA FINAL



Professor(a), o diário de Ana termina na ducentésima página. Muitas coisas aconteceram na vida da narradora protagonista, Ana Vitta. Mas é uma história que não tem um final.

Ducentésima página do caderno. Hora de encerrar esta longa carta dirigida a você, querido caderno. Pretendo fazer um encerramento dizendo que minha vida vem sendo construída a cada instante. Vivo cada momento como se fosse único, com a clareza de que o passado foi definitivo para ser o que sou. Como se daqui a pouco um tsunami pudesse passar por aqui e me levar. Como se eu fosse explodir de contentamento no ar.

Com carinho, Ana Vitta

Fonte: https://static.tumblr.com/hyn0u7h/L5Qnrp7lp/a_fofa_do_terceiro_andar_-_cleo_busatto.pdf

Sugira aos estudantes que escrevam um final para a história. Imaginem que Ana encontra o caderno e resolve escrever um último capítulo, muitos anos mais tarde... O que teria vivido a fofa do terceiro andar?

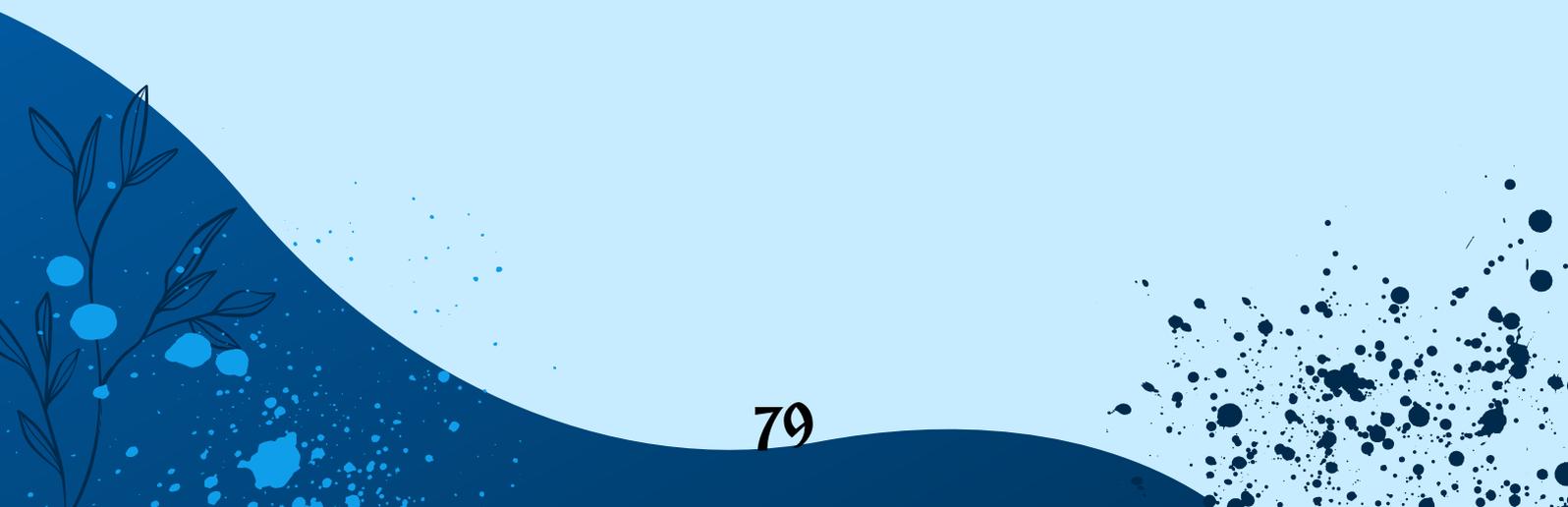


Figura: Folha do diário de leitura



Fonte: Pinterest.

ANA VITTA SE MATERIALIZA...

E se a Ana, narradora-personagem da obra *A fofa do terceiro andar*, pudesse se materializar para seus/suas estudantes? Na prática com a leitura da obra em anos anteriores, fui presenteada com uma boneca que trazia as características da personagem adolescente que vive essa narrativa. Com a Ana materializada, relembre as fases vividas pela protagonista:

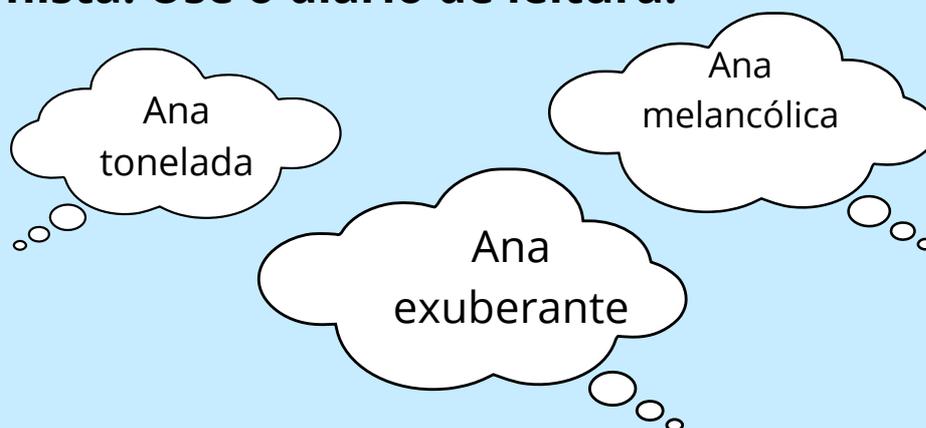
Figura: Boneca da Ana



Fonte: Arquivo pessoal.

Professor(a), pensando nas diferentes realidades espalhadas pelas escolas brasileiras, essa ideia tem potencial para ser construída com ajuda dos próprios estudantes. Verifique quem pode trazer uma boneca que lembre as características da narradora-personagem. Na impossibilidade dessa ação, outra perspectiva seria usar as imagens criadas na oficina 4 (ver página 47 deste GOP), o que traria ainda mais a marca do(a) estudante para a atividade.

Relembre com os estudantes as fases vividas pela protagonista. Use o diário de leitura:



Os balões podem ser usados para que os estudantes escrevam em tarjetas as palavras que marcaram cada fase vivida pela narradora:

- 1. Quais sentimentos a narradora poderia ter sentido ao ser chamada de “Ana Tonelada”?**
- 2. E a “Ana Melancólica”, como se sentia?**
- 3. Por fim, como a Ana Exuberante se expressa ao se aceitar como realmente é?**

Este é um momento de rever os conceitos apreendidos pelos estudantes, a fim de ressignificar tudo o que foi vivido pela personagem e refletir sobre o efeito devastador que o *bullying* pode provocar na vida dos adolescentes.

Esperamos que a identificação com a personagem possa gerar uma mudança de atitude entre os pares dentro e fora do ambiente escolar.

8. FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Durante a leitura da obra *A fofa do terceiro andar*, o diário de leitura acompanhou os estudantes na realização de diferentes propostas de atividades. Que tal concluir com uma autoavaliação?



Passo a passo

1. Faça uma cópia de ficha da autoavaliação presente na próxima página. Faça as adaptações necessárias (retire ou acrescente oficinas).
2. Converse com os estudantes e rememore as atividades realizadas durante as aulas de leitura da obra.
3. Distribua uma cópia para cada estudante e solicite sinceridade ao avaliar o trabalho.
4. Deixe um espaço para que o estudante escreva um recado para que seu trabalho possa ser aperfeiçoado.
5. Recolha as atividades e dedique um tempo para ler as respostas dos estudantes!

OBS.: essas são sugestões de atividades baseadas em experiências vividas em sala de aula.

Tabela 6: Ficha de autoavaliação

Oficina	Atividade	🥰	😊	😐	😞
1	Diferentes sentidos à palavra FOFA				
1	Uso do Jamboard				
2	Releitura de imagens				
3	Dinâmica do espelho				
3	Curta "Reflexo"				
3	Roda de conversa				
4	Diários de leitura				
4	Banco de imagens / Álbum de recordações da Fofa				
5	Ressignificando os apelidos				
6	Outros gêneros textuais (cordel)				
7	Playlist musical				
7	Caça aos livros				
8	Comparando textos				
8	Criando um podcast				
9	Finalizando a história				
10	Ana se materializa				
11	Ficha de autoavaliação				

Legenda:

🥰 : Achei excelente!!! Amei, Amei!!!

😊 : Gostei muito de participar dessa atividade!

😐 : Achei razoável... esperava mais...

😞 : Não gostei! De onde a professora tirou essa ideia???

Deixe aqui suas impressões e ideias para melhorar este trabalho!

Quer se identificar?

Nome: _____ **Turma** _____

9. REFERÊNCIAS

ARENA, Dagoberto Buim. Nem gosto, nem hábito, nem prazer. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (org.). **Atuação de professores: propostas para ação reflexiva no ensino fundamental**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2003. p. 53-61.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2010. p. 277-326.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BESSA, Bráulio. Aparências. **Tudo é Poema**, 14 set. 2021. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/category/braulio-bessa/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2017.

BUSATTO, Cléo. **A fofa do terceiro andar**. Rio de Janeiro: Galera Junior, 2015.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de interpretação**. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro; São Paulo: Ouro Sobre Azul; Duas Cidades, 2004.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

CORSI, Margarida da Silveira; FLECK, Gilmei Francisco. Carmélia e Sebastião ou a justiça divina: uma proposta de ação. In: FONSECA, Aleilton de Santana; FLECK, Gilmei Francisco; SANTOS, Luciene Souza (org.). **A pesquisa em literatura e leitura na formação docente: experiências da pesquisa acadêmica à prática profissional no ensino**. Campinas: Mercado das Letras, 2018. v. 3. p. 121-146.

CORSI, Margarida da Silveira; OLIVEIRA, Edmara de. “Venha ver o pôr do sol”: uma proposta de oficina literária. **Claraboia**, Jacarezinho, n. 16, p. 145-158, jul./dez. 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2011.

DALVI, Maria Amélia. **Literatura na escola: propostas didático-metodológicas**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DUARTE, Benízia Souza Oliveira. **Leitura subjetiva: uma proposta para a formação do leitor literário no Ensino Fundamental II**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2020.

ECO, Umberto. **Seis Passeios nos Bosques da Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. **Operadores de leitura da narrativa**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 33-56.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1987.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ANDRADE, Paulo Fonseca. **As literaturas infantil e juvenil... ainda uma vez**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa: Ensaio de método**. Lisboa: Acácia, 1979.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

GONÇALVES, Marlene Eurípedes. **Literatura juvenil sob a luz da leitura subjetiva: uma proposta para os anos finais do Ensino Fundamental**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Sheila Oliveira. **Leitura literária no ciclo 1 do Ensino Fundamental: o livro didático como deflagrador de leitores precários**. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 26, n. 52, p. 141-161, 2016a.

LIMA, Sheila Oliveira. **Subjetividade e formação do leitor: o problema da ausência da leitura literária em livros didáticos do ciclo 1 do Ensino Fundamental**. *Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários*, v. 31, p. 18-30, 2016b.

LIMA, Sheila Oliveira; BATISTA, Patrícia Cardoso; FARIA, Tatiele Jesus. O diário de leitura: subjetividade na sala de aula. *Linha D'Água*, v. 34, n. 3, p. 208-225, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/184910>. Acesso em: 25 jan. 2024.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LISPECTOR, Clarice. *O primeiro beijo & outros contos*. São Paulo: Ática, 1993.

MARSON, Isabel Cristina. *Didática da leitura subjetiva: o sujeito leitor no ensino de leitura na escola*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2016.

MICHELETTI, Guaraciaba (coord.). *Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção*. São Paulo: Cortez, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 52, p. 23-43, 2014.

PARANÁ. Secretaria do Estado de Educação. *Currículo da Rede Estadual Paranaense. Língua Portuguesa*. 2020. 108 slides. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep_lingua_portuguesa_anos finais.pdf. Acesso em: 25 jan. 2024.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 17, n. 1, p. 47-62, 2004.

PEREIRA, Adriana Soares et al. *Metodologia da pesquisa científica*. Santa Maria: UFSM, 2018.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROUXEL, Annie. Oser lire à partir de soi. Enjeux épistemologiques, éthiques et didactiques de la lecture subjective. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 20, n. 35, 2018. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/497/540#original>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ROUXEL, Annie. Ensino da Literatura: experiência estética e formação do leitor. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). *Memórias da Borborema 4: discutindo a literatura e seu ensino*. Campina Grande: Abralic, 2014. p. 19-36.

ROUXEL, Annie. Mutações epistemológicas e o ensino da literatura: o advento do sujeito leitor. *Revista Criação & Crítica*, n. 9, p. 13-24, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46858>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SACCHI, Thais Cristina Moraes. **Projeto temático o bullying na escola e a produção de contrapalavras no Ensino Fundamental I**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

SILVA, Greice Ferreira da; ARENA, Dagoberto Buim. **O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária**. *Álabe*, n. 6, 2012.

SILVA, Gustavo Henrique Rodrigues da. **Quando o haicai dialoga com Van Gogh: uma proposta didática sob a perspectiva da leitura subjetiva**. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

THIOLLENT, Michel Jean Marie. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A escola e a leitura da literatura**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (org.). **Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009a. p. 17-39.

ZILBERMAN, Regina. **Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?** *Revista Desenredo*, v. 5, n. 1, p. 9-20, 2009b.

Figura: Autora e frase do livro



Fonte: <https://www.facebook.com/cleo.busatto/posts/trecho-do-livro-a-fofa-do-terceiro-andar-seccionado-para-o-pnld-2020-indicado-par/2502472999969718/>

